

# **A IMAGEM DA BESTA**

*Dr. Aníbal Pereira dos Reis  
(ex-padre)*

**Edições Cristãs**

# Í N D I C E

Introdução

As duas feras e a notável imagem

A potência milenar e as estátuas falantes

O fastígio a ser esculpido

Esculpe-se a imagem

Páginas de Eclesiologia

A natureza da imagem

Duas perguntas ao Concílio Vaticano II

A sucessão apostólica dos “bispos”

A sagração episcopal

Os poderes episcopais

A imagem da Besta respira e fala

Documentos em Apêndice

**.oOo.**

# INTRODUÇÃO

**No contexto conturbado** do mundo contemporâneo a tirar as inexoráveis conclusões dos desacertos passados, sobressaltada e desesperançada a humanidade aguarda cataclismas cósmicos e economico-sócio-políticos de repercussões imprevisíveis.

Essa expectativa é um ambiente propício aos profetas otimistas e trágicos. Os otimistas a preverem um paraíso criado pela técnica capaz de descobrir uma nova humanidade de compreensão mútua entre todas as pessoas. Os trágicos, descrentes da transformação íntima do ser humano, preveem inevitável e definitiva hecatombe universal.

Nenhum deles tem razão e ambos a têm. Não será a técnica ou a ciência capaz de oferecer lastro para a sonhada nova humanidade. E das cinzas do inelutável cataclisma universal sairá o novo homem.

Nos meios religiosos, sobretudo entre os evangélicos, a título de interpretação de passagens bíblicas, ventilam-se as hipóteses mais desconstruídas. Uns se querem credenciados de especiais revelações particulares. Outros, movidos por suas idiosincrasias e preconceitos, entendem certas passagens de maneira por completo avessas ao teor das Sagradas Escrituras. E há também os menos avisados que se deixam levar por mirabolantes fantasias.

O estudioso das Escrituras, contudo, está imune dessas distorções. Blindado pela infalível esperança da Gloriosa Volta de Jesus Cristo, aguarda com inabalável tranquilidade e firmado na Santa Palavra, todos os acontecimentos. Sabe ele ser a História um verdadeiro jogo de xadrez, cujas pedras, embora movidas pelos homens, os quais muitas vezes são essas próprias pedras, na realidade executam os Planos Divinos em direção do solene manifestar da Sua Glória no Seu Soberano Domínio Final naquele Reino que não será jamais destruído porque invencível subsistirá para sempre (Daniel 2:44).

O estudo sensato e tranquilo das Sagradas Escrituras isenta-nos do risco de sermos influenciados por esdrúxulas interpretações e por extravagantes profecias.

Nestes últimos meses tenho publicado vários livros de conteúdo escatológico em resultado das minhas longas pesquisas desse assunto nas

Páginas Sagradas. São eles: *A BESTA DO APOCALIPSE, O SINAL DA BESTA, A MÃE DAS PROSTITUIÇÕES, A GRANDE BABILÔNIA, 666 APOCALIPSE 13:18.* E agora *A IMAGEM DA BESTA.*

E para completar o meu objetivo, se se coadunar ele com a Vontade de Deus, ainda escreverei sobre *AS VISÕES DE DANIEL*, encerrando esse ciclo de temas escatológicos.

Se como ser humano me sensibilizo, sempre procurei, com o máximo cuidado, fugir das emoções. Calculadamente repilo-as de minha vivência espiritual.

A inteligência, em sendo a faculdade mais nobre do homem, deve prevalecer também em nossa espiritualidade. Precisa ela impedir as exacerbações emotivas e dirigir a sensibilidade.

Pela e com a inteligência iluminada pelo Espírito Santo perscrutam-se as Escrituras. Entendem-se elas! Assimilam-se elas!

Compreendidas e assimiladas, encarnam-se elas em nossa conduta.

Em decorrência dessas considerações, meus livros de cunho escatológico, bem como os demais, procedem do sincero estudo da Bíblia.

A Bíblia é a minha ÚNICA e TODO-SUFICIENTE Regra de Fé. Enraizome firme e inabalavelmente nela. Tudo quanto leio e ouço com ela confronto e à sua luz analiso.

Não tenho qualquer revelação particular e recuso as dos outros.

Creio sinceramente no dom de profecia. Creio nos profetas. Creio, porém, somente nas Profecias e nos profetas das Sagradas Escrituras.

A Bíblia, outrossim, é um compêndio de História. Consigna ela incontáveis episódios, em cuja urdidura foram envolvidos homens. Registra acontecimentos passados como a escravidão dos hebreus no Egito e sua portentosa libertação, a sequência de juízes e reis, as rebeldias do povo eleito, a presença de avultados servos de Deus, o nascimento de Jesus Cristo com muitos fatos de Sua Vida Terrena, Sua Morte e Ressurreição, a implantação e o desenvolvimento do Evangelho, o heroísmo vibrante dos seus insignes pregadores.

Livro Profético de História, ela também anota eventos futuros.

Os compêndios comuns relatam somente fatos passados. Completas como Livro Divino, as Escrituras prognosticam acontecimentos vindouros.

Por antecipação de séculos anunciou Jesus Cristo como o Messias e todos os fatos salientes de Sua Vida. Se para os antepassados constituíram-se esses anúncios em profecias, para nós hoje já são esses fatos cumpridos.

Há, porém, profecias de eventos futuros. Dos Últimos Acontecimentos a sucederem na última esplanada da História com o Advento Inadjetivável

de nosso Senhor Jesus Cristo, o Rei da História e dos séculos porque da Eternidade.

Em sendo a Bíblia um indiscutível repositório da História há de se, a sua luz, analisar todos os grandes fatos históricos, todos eles, de resto, encaixados no Plano de Deus que "dirige os destinos dos povos".

Por isso iludem-se aqueles que forçam um longo hiato ou uma prolongada interrupção entre a primeira Vinda de Cristo e a Sua Gloriosa Volta, como se os fatos nesta época sucedidos não fossem também previstos e anunciados nas Sagradas Escrituras. Ou em outras palavras: enganam-se aqueles que supõem que as profecias escatológicas nada tem a ver com os eventos ocorridos entre os homens e as nações durante a vigência da Dispensação da Igreja.

Os "ÚLTIMOS DIAS" referidos em Daniel 2:28 abarcam também o período da Economia Cristã e não apenas os derradeiros momentos dos Cimos Escatológicos. Assim o entendeu Paulo Apóstolo em I Timóteo 4:1.

A Igreja vive nas Eras Escatológicas e a sua mais importante incumbência é a de preparar um povo para a Volta do Senhor.

Em sua dura refrega a extensão de toda sua História se defronta com a falsa igreja ou a igreja do Anticristo, o plenipotenciário de Satanás.

Impossível ao enfoque das Sagradas Escrituras supor-se o advento do anticristo apenas na derradeira volta do relógio desta fase da História no período conhecido como o da Grande Tribulação.

O Anticristo aí está. Atuante. Aguerrido. Desempenha com fidelidade constante e contumácia feroz a sua diabólica missão de, enganando e seduzindo os povos, prejudicar a Igreja de Cristo.

Se ele, presente nesta fase da Dispensação da Igreja, atua vigorosamente, torna-se também impossível supor-se venha ele esculpir somente na Grande Tribulação uma estátua em madeira, ou em ouro, ou de qualquer outro material e instalá-la no reedificado Templo de Jerusalém.

Carece esta suposição de qualquer fundamento bíblico.

De fato Apocalipse 13:14-15 alude à IMAGEM DA BESTA. Uma imagem dotada de fôlego e de linguagem.

Que IMAGEM é essa? Qual sua natureza? Quais suas atividades?

No decurso dos capítulos deste livro, à luz das Escrituras Sagradas que iluminam os motivos e a razão dos episódios históricos, verificaremos ser a HIERARQUIA CLERICAL essa IMAGEM DA BESTA.

Com este estudo terei completado a minha incumbência de examinar toda a estrutura do clero católico principiada com o meu livro *CRISTO? SIM! PADRE? NÃO!!!*, onde analisei o sacerdócio católico, continuada com a

outra obra *PEDRO NUNCA FOI PAPA! NEM O PAPA É VIGÁRIO DE CRISTO*, em cujas páginas avaliei a ambicionada primazia do "bispo" de Roma na qualidade de sumo pontífice da "igreja".

Se Deus se amerceia desses dois livros permitindo que muitas consciências por sua leitura sejam esclarecidas, há de semelhante forma abençoar estes capítulos com a dádiva de igual livramento àqueles seus leitores ainda presos ao jogo da hierarquia ou a ela simpáticos.

Com a publicação deste estudo dou-me por cumpridor da responsabilidade de advertir os cultuadores dessa IMAGEM e os seus simpatizantes, sobre os quais pesam terríveis ameaças, pois, se a tempo não se arrependerem, beberão eles do vinho da ira de Deus e atormentados serão com fogo e enxofre (Apocalipse 14:9-11).

Enfim, o meu esforço denota sincera, embora reduzida, contribuição ao empreendimento de propagar o Evangelho da Graça de nosso Senhor Jesus Cristo e ao de enaltecer a Sua Divina Pessoa.

Havendo eu escapado dos ergástulos da hierarquia clerical, a imagem da Besta, anelo o livramento de todos quantos a ela ainda se agrilhoam. Almejo ver multidões e multidões, no desfruir da definitiva vitória da libertação, dedilhando "harpas de Deus" e cantando o "*cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro*" (Apocalipse 15:2-3)

Estimulado por este anseio, entrego, por intermédio de EDIÇÕES CAMINHO DE DAMASCO, ao público brasileiro estas páginas como contribuição, embora reduzida, ao empreendimento de propagar o Evangelho de Graça de nosso Senhor Jesus Cristo.

**Dr. Aníbal Pereira dos Reis**

SÃO PAULO, 30 de Junho de 1980, *data em que, para desgraça deste País, o "papa", o vértice da hierocracia-imagem da Besta, o "papa", o Anticristo, plenipotenciário de Satanás, pisa o solo brasileiro para uma visita de doze dias, quando estará em doze Capitais e inaugurará em 4 de Julho a Basílica de Aparecida, a "senhora" Diana da mariolatria brasileira.*

.oOo.

# AS DUAS FERAS E A NOTÁVEL IMAGEM

**Encontramo-las no capítulo 13 de Apocalipse**, onde se lê:

*"Entao vi subir do mar uma besta que tinha dez chifres e sete cabeças, e sobre os seus chifres dez diademas, e sobre as suas cabeças nomes de blasfêmia.*

*E a besta que vi era semelhante ao leopardo, e os seus pés como os de urso, e a sua boca como a de leão; e o dragão deu-lhe o seu poder e o seu trono e grande autoridade.*

*Também vi uma de suas cabeças como se fora ferida de morte, mas a sua ferida mortal foi curada. Toda a terra se maravilhou, seguindo a besta, e adoraram o dragão, porque deu à besta a sua autoridade; e adoraram a besta, dizendo: Quem é semelhante à besta? Quem poderá batalhar contra ela?*

*Foi-lhe dada uma boca que proferia arrogâncias e blasfêmias e deu-se-lhe autoridade para atuar por quarenta e dois meses.*

*E abriu a boca em blasfêmias contra Deus, para blasfemar do Seu Nome e do Seu Tabernáculo e dos que habitam no Céu.*

*Também lhe foi permitido fazer guerra aos santos, e vencê-los; e deu-se-lhe autoridade sobre toda tribo, e povo, e língua, e nação. E adorã-la-ao todos os que habitam sobre a terra, esses cujos nomes não estão escritos no Livro da Vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo.*

*Se alguém tem ouvidos, ouça.*

*Se alguém leva em cativo, em cativo irá; se alguém matar à espada, necessário é que à espada seja morto. Aqui está a perseverança e a fé dos santos.*

*E vi subir da terra outra besta, e tinha dois chifres semelhantes aos de um cordeiro; e falava como dragão.*

*Também exercia toda a autoridade da primeira besta na sua presença; e fazia que a terra e os que nela habitavam adorassem a primeira besta, cuja ferida mortal fora curada.*

*E operava grandes sinais, de maneira que fazia até descer fogo do céu à terra, à vista dos homens; e, por meio dos sinais que lhe foi permitido fazer na presença da besta, enganava os que habitavam sobre a terra e*

*lhes dizia que fizessem uma imagem à besta que recebera a ferida da espada e vivia.*

*Foi-lhe concedido também dar fôlego à imagem da besta, para que a imagem da besta falasse, e fizesse que fossem mortos todos os que não adorassem a imagem da besta.*

*E fez que a todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos, lhes fosse posto um sinal na mão direita, ou na frente, para que ninguém pudesse comprar ou vender, senão aquele que tivesse o sinal, ou o nome da besta, ou o número do seu nome.*

*Aqui há sabedoria. Aquele que tem entendimento, calcule o número da besta; porque é o número de um homem, e o seu número é seiscentos e sessenta e seis".*

As duas feras são bem definidas. Nos versos 1-10 a primeira. De 11 a 18 a segunda.

Distinguem-se elas por suas características próprias de origem, de natureza e de atividades.

**a)- São de origens diferentes:** uma sobe do mar; a outra, da terra. Do mar, sempre de águas revoltas a exprimir a ideia dos povos em convulsão causada por forças perturbadoras e nocivas (Isaías 57.12-13, 20; Jeremias 46.7-8). Da terra a denotar procedência de uma situação político-social já organizada.

**b)- A natureza dos dois animais também é diversa.** A besta híbrida, o monstro-amálgama das feras das visões de Daniel (7.7, 8, 19-24), ostenta *“dez chifres e sete cabeças”*. Assemelha-se *“ao leopardo, e os seus pés como os de urso, e a sua boca como a de leão”*. A outra besta tem *“dois chifres, semelhantes aos de um cordeiro”*.

**c)- As atividades de ambas também se diferenciam.** A primeira o dragão-satanás dotara de *“grande autoridade”* com poder e trono *“sobre toda a tribo, e povo, e língua e nação”* (v. 7). Autoridade máxima a maravilhar toda a terra, cujos habitantes a adoraram, dizendo: *“Quem é semelhante à besta? Quem poderá batalhar contra ela?”* (v. 4). Investida pelo dragão-satanás de soberana autoridade proferia arrogâncias e blasfêmias contra Deus, Seu Nome, Seu Tabernáculo e Sua Corte Celestial. E guerreava os santos, vencendo-os.

A segunda fera *“também exercia toda autoridade da primeira besta”*. Contudo, autoridade dependente e a serviço da primeira porque *“na sua presença”*, movendo a terra e seus habitantes a adorá-la, cuja ferida mortal curara (v.12).



Dotada de um NOME, de um SINAL e de um NÚMERO (vv. 17, 18), “falava como dragão” (v. 11) “e operava grandes sinais” (v.13) por intermédio dos quais enganava os povos. Estes, por ela induzidos, fizeram uma IMAGEM à besta. Foi-lhe, outrossim, “concedido dar fôlego à IMAGEM DA BESTA, para que a IMAGEM DA BESTA falasse, e fizesse que fossem mortos todos os que não adorassem a IMAGEM DA BESTA” (v. 15).

Analisei estes pormenores relativos à origem, natureza e atividades das duas feras em meus livros: *O SINAL DA BESTA e 666 APOCALIPSE 13:18*, a cuja leitura se deve proceder se se quiserem amplos conhecimentos deles, circunstância esta, de resto, favorabilíssima ao entendimento deste assunto.

## **SUA ALEGORIA**

Daniel e Apocalipse interdependem-se. Completam-se.

Torna-se, por conseguinte, impossível a compreensão de Apocalipse, sobretudo em seu capítulo 13, sem o entendimento do livro de Daniel.

Daniel é o registro das grandes antecipações da História. Os quatro animais figurativos dos seus sonhos (cap. 7) correspondem aos quatro grandes reinos mundiais (7.17), em sequência ininterrupta nos acontecimentos históricos: Babilônia, Média-Pérsia, Grécia e Roma.

O quarto animal “*terrível e espantoso, e muito forte, com grandes dentes de ferro tinha dez chifres*” (7.7) particularidade esta a identificá-lo com a besta híbrida de Apocalipse 13.1-10, figuração do Império Romano, a potência seguinte à Grécia.

Por oportuno, permitam-me recordar haver em meu livro *A BESTA DO APOCALIPSE* desenvolvido um extenso estudo acerca desta identificação do Império Romano com a primeira besta de Apocalipse 13 que, por sua vez, corresponde ao quarto animal misterioso dos sonhos de Daniel.

Os dez chifres simbólicos são reis ou reinos confederados na grande potência política (Daniel 7.24; Apocalipse 17.12).

Desses dez chifres “*subiu outro chifre, pequeno*” (Daniel 7.8) que, por sua vez, corresponde, é evidente, à segunda besta de Apocalipse 13.11-18, saída da terra, ou seja, de uma organização já estruturada.

Diante deste pequeno chavelho, três dos dez primeiros chifres foram arrancados, quer dizer, três reinos foram abatidos (Daniel 7.8, 20, 24).

“*Diferente dos primeiros*” (v. 24), tornou-se o pequeno chifre “*mais robusto do que os seus companheiros*” (v. 20). Nele havia olhos, como os de

homem, e *"uma boca que falava grandes coisas"* (vv. 8, 20, 25; Apocalipse 13.11), *"fazia guerra contra os santos, e prevalecia contra eles"* (v. 21).

É este pequeno chavelho a alegoria perfeita do "PAPA", o Anticristo, como se poderá verificar na sequência dos capítulos de *A BESTA DO APOCALIPSE*, confirmada, aliás, pela própria História.

## **UM MILAGRE E SEU SIGNIFICADO**

No desenvolver dos pormenores característicos da primeira fera exposta em Apocalipse 13, atraí-nos a atenção um evento prodigioso. O ferimento mortal à espada numa das cabeças da fera imperial. Sua cura portentosa maravilhou a terra, cujos habitantes adoraram a fera restabelecida, considerada ímpar e invencível (vv. 3-4, 14).

Naquele meu livro *A BESTA DO APOCALIPSE* elucidado haver se dado esse ferimento mortal, pela primeira vez, quando do fim do seu domínio até a sua futura restauração, passageira aliás, quando da Plenitude Escatológica.

A ferida letal, contudo, foi curada pela primeira vez na oportunidade da restauração do Império Romano no ano 800 com a coroação de Carlos Magno, imperador do SACRO IMPÉRIO ROMANO.

## **AS MARCAS DISTINTIVAS**

A besta religiosa de Apocalipse 13.11-18 distingue-se:

- por *"subir da terra"* (v.11);
- pelos *"dois chifres semelhantes aos de um cordeiro"* (v.11);
- por falar como dragão (v. 11);
- pelo exercício de uma autoridade semelhaei, a ela subordinada (v.12);
- por fazer a terra e seus habitantes adorar a primeira besta (v. 12);
- pelos grandes sinais, enganando o povo (vv. 13-14);
- e pelo fato diferente de induzir as multidões a fazerem uma *IMAGEM DA BESTA* (v. 14).

## **A IMAGEM EM DESTAQUE**

A besta religiosa é o ANTICRISTO, o "papa". O povo é induzido por ele, que sempre fala como dragão, Satanás, o pai da mentira e sempre profere mentiras por lhe ser próprio (João 8.44). Enganadas pelo Anticristo, as multidões dos povos fizeram uma imagem à besta miraculosamente curada de sua ferida.

Pelo dragão-satanás concedeu-se ao Anticristo, à besta religiosa, o poder de dar fôlego à imagem da besta para que ela falasse e perseguisse até a morte todos quantos se recusam a adorá-la (v.15).

Que IMAGEM é essa? Ou IMAGEM de que é ela?

Antes, porém, examinemos o conceito de IMAGEM.

São DOIS os seus SENTIDOS:

**1) A representação material**, a cópia, semelhança, reprodução de alguma coisa ou de alguém por meio da escultura, da pintura ou do desenho. Servem de exemplo as estátuas abomináveis de Deus, de Jesus Cristo, de Maria e dos cognominados "santos". Também as dos heróis nacionais e as de pessoas insignes erguidas nas praças e avenidas.

Em observação informamos tratar-se a imagem de uma confrontação concisa por lhe ser impossível caracterizar todas as analogias existentes entre a figura e o objeto figurado. Por exemplo, uma estátua do Duque de Caxias não pode ser uma descrição perfeita do Patrono do Exército Brasileiro.

Só em psicologia acontecem as imagens eidéticas, isto é, as representações psíquicas de qualquer objeto, perfeitamente precisas em seus mínimos pormenores, como se na realidade estivessem presentes aos sentidos. Os psicopatas em suas alucinações têm essas imagens eidéticas.

**2) - A representação figurada ou simbólica** dos objetos da mente. É a metáfora através da qual as ideias se tornam mais vivas, suscitando analogias e semelhanças que as revestem de formas mais sensíveis.

É esta imagem no aspecto literário ou metáfora mencionada também nesta passagem das Escrituras.

Aliás, se as Sagradas Escrituras condenam categoricamente a representação material de Deus por meio da escultura, elas se recheiam de imagens no sentido literário. O mesmo Jesus Cristo se apresenta metaforicamente como a Luz, a Videira, a Porta, o Pão e os Seus discípulos são o Seu Rebanho.

A própria besta híbrida de Apocalipse 13 figura ou metaforiza a realidade histórica do Império Romano. E a imagem dela é uma metáfora da própria Besta. É a sua alegoria, haja vista ser a alegoria uma ficção que apresenta de modo a sugerir a ideia de outro.

A IMAGEM mencionada em Apocalipse 13.14-15 é uma representação figurada de quê?

O Texto mesmo no-lo responde! Da *"besta que recebera a ferida da espada e vivia"* (v.14).

É uma imagem da besta híbrida. É uma imagem do Império Romano alegorizado por aquela fera.

Não se trata, é evidente, de uma imagem confeccionada em ouro ou qualquer outro metal, na forma de homem ou de irracional, em homenagem de algum imperador ou chefe político.

Trata-se, sim, de uma cópia da organização político-administrativo-social do império latino, a primeira besta. E esta imagem não pode ser outra senão a HIERARQUIA CLERICAL CATÓLICA, que, ao longo dos séculos desta Dispensação da Igreja, se incumbe de sustentar a revivescência do Império ferido pelos bárbaros, restaurado com Carlos Magno, aliás, de curta duração porque outra vez ferido e pela derradeira vez a ser restaurado quando das Culminâncias Escatológicas (Apocalipse 17.8, 12-13).

Entre os escatologistas apressados há a hipótese desprovida de qualquer base bíblica de que o Anticristo surgirá apenas no período da Grande Tribulação, época em que se fabricará uma imagem em honra dele e se a entronizará no Templo de Jerusalém restaurado. É uma mera ficção. Pura fantasia.

Com efeito, a leitura atenta de Daniel 7 e de Apocalipse 13, porque Daniel e Apocalipse sobretudo nesses dois capítulos, se correlacionam e um completa o outro, a leitura atenta daqueles dois capítulos das Escrituras convence-nos de constituir-se em mera fantasia aquela suposição de ser esculpida a imagem da besta somente na época final desta Dispensação.

.oOo.

## **A POTÊNCIA MILENAR E AS ESTÁTUAS FALANTES**

**Livro das grandes antecipações históricas**, Daniel, em suas visões misteriosas, revela-nos a sucessão ininterrupta das quatro potências politico-militares mundiais até a plena manifestação escatológica do Reino Messiânico.

O capítulo 7 consigna o sonho dos quatro animais cuja enumeração se paraleliza com os diferentes metais da estátua das visões de Nabucodonosor (cap. 2).

O Império Babilônico é figurado no leão com asas de águia, paralelo à cabeça de fino ouro da monumental estátua do sonho do monarca.

O urso figura o subsequente domínio dos medo-persas (5.28, 31).

A terceira fera das visões do profeta é um leopardo que corresponde ao bode peludo da visão de Daniel junto do Rio Ulai (cap. 8), figuração da potência grega (8.21), sucessora imediata do Império Medo-Persa.

O quarto animal dos sonhos de Daniel é incomparável. Ao invés de assemelhá-lo a alguma fera, descreve-lhe o profeta a suma ferocidade: *“terrível e espantoso, e muito forte, o qual tinha grandes dentes de ferro”* (7.7).

Desejou Daniel conhecer-lhe especificamente a verdade por ser ele diferente de todos os outros, dada a terribilidade (v. 19) desse quarto reino, diferente dos reinos anteriores por devorar toda a terra pisando-a aos pés e despedaçando-a (v. 23).

É o Império Romano, o último na sequência das soberanas potências mundiais.

Como derradeiro e destinado a ser milenar, ferido de morte, será curado e restaurado (Apocalipse 13.3, 12, 14).

Sua existência perdurará, apesar das intermitências, até às culminâncias escatológicas, de acordo com o próprio anúncio do anjo a João: *“a besta que era e já não é, e que tornará a vir”* (Apocalipse 17.8).

Sustentar-lhe-á a sobrevivência séculos em fora a sua IMAGEM edificada pelo povo inspirado pela segunda besta, que outra não é senão a besta religiosa ou o anticristo de Apocalipse 13.11-18.

O fato da inspiração divina não conflitua com a humanidade dos escritores sacros atuando sob o influxo do seu pessoal temperamento e situados em características circunstâncias históricas, que os levam a se valerem do vocabulário, das metáforas e dos costumes dos seus contemporâneos.

No seu contexto histórico o Apóstolo João encontrou fartura de subsídios no intento de transmitir suas informações escatológicas.

A referência à IMAGEM ocorre de uma prática daquela época.

Com efeito, na Grécia e em Roma divulgara-se intensa fé nas estátuas falantes.

Segundo Atenágoras (*Súplica a favor dos Cristãos*, c. 26) havia em Trôade, por volta do ano 180, uma de Nerilino que, em atendimento aos pedidos dos interessados, fazia prodígios de curas e oráculos.

As escavações arqueológicas têm encontrado naquelas regiões do antigo mundo clássico engenhosos tubos que chegavam a câmaras contíguas donde os sacerdotes pagãos falavam e produziam a sensação de que eram vozes da estátua e da divindade.

No Império Romano, outrossim, o monarca era tido como deus e se lhe atribuíam títulos divinos, como os de *Augustus*, *Deus*, *Summus Pontifex*, *Filius Dei*. Suas imagens expostas ao culto público se constituíam na pedra de toque da fidelidade ao império de modo que, não se submeter a adorá-las, implicava em crime contra a pessoa do soberano e contra o próprio império.

O sacerdócio pagão, interessado em sobreviver, sustentava e promovia essa mentalidade. Daí a origem das crudelíssimas perseguições aos cristãos.

Foi nesse contexto político-religioso que João escreveu o Apocalipse, recorrendo às figuras do seu tempo para transmitir suas revelações.

Procedente da primeira besta, o Anticristo ou Falso Profeta, alegorizado na segunda besta, por adotar a velha mentalidade imperial e a subserviência do sacerdócio pagão, conserva a IMAGEM da primeira besta por meio da qual mantém sobreviva a sua estrutura sócio-política.

.oOo.

## **O FASTÍGIO A SER ESCULPIDO**

**A IMAGEM objeto de nossas considerações** é da primeira besta, a fera híbrida de Apocalipse 13.1-10, alegoria do Império Romano. Ela é esculpida pelos habitantes da terra enganados pela segunda besta, a fera religiosa, alegoria do Anticristo.

A besta em cuja honra se fez a IMAGEM “recebera a ferida da espada e vivia” (Aocalipse 13.14, 3).

Feita pelo povo sob a inspiração da segunda besta, esta anuiu e incentivou a criação dessa IMAGEM e lhe deu fôlego para que falasse (v.15).

João, motivado pela informação da credence nas imagens falantes, valeu-se dela como figura de uma realidade concreta a ocorrer a partir do quarto século.

## **TRÊS FATORES DA CONTEXTURA CATÓLICA**

Com efeito, o catolicismo, figurado na mulher prostituta chamada “*MISTÉRIO, A GRANDE BABILÔNIA, A MÃE DAS PROSTITUIÇÕES E DAS ABOMINAÇÕES DA TERRA*” (Apocalipse 17.1, 5), é o sistema religioso do Anticristo e foi originado por três fatores preponderantes:

- o farisaísmo judaico;
- o pensamento grego;
- o direito romano.

1)- Do farisaísmo judaico recebeu o conceito da tradição como Fonte de Revelação Divina e a petulante tese da salvação pelas obras da Lei, acrescidas, como imprescindíveis, à fé. Em resultado dessa tese, a religião do Anticristo exige a presença de um sacerdócio sacrificial promotor de uma infinidade de ritos como herança do sacerdócio araônico, vencido e caduco com a Morte e Ressurreição de Jesus Cristo.

2)- O pensamento grego penetrou em sua estrutura doutrinária como seu sistematizador e justificador dos pressupostos metafísicos dos seus dogmas pagãos. Aliás, a escolástica, que embasa a sua teologia, nada mais é do que a filosofia aristotélica caíada com a nomenclatura tomista.

3)- O direito romano, enfim, passou para o catolicismo como o sistematizador do seu organismo social ou eclesiástico, absolutamente contrário da organização eclesiástica neotestamentária. Esse direito mantém ainda hoje e manterá sempre o ritmo de revivescência das ideias e sentimentos do império latino na estrutura sócio-eclesiástica do catolicismo.

## O FASTÍGIO DA GLÓRIA ROMANA

Sob as garras da águia capitolina confrangiam-se todas as regiões conhecidas: desde as costas da Lusitânia aos limites dos desertos da Ásia e da África; e das distantes florestas do Reno e do Danúbio aos confins da Caledônia.

Competia ao imperador o comando indivisível do mundo romano! Otávio imprimira ao sentimento universalizante de Roma uma forma jurídica concretizando-a numa formidável realidade!

Senhora da hegemonia universal, Roma, subjugando sob seu gládio os povos, a respirar no apogeu supremo, absorve tudo, estende seus tentáculos ecumênicos para romanizar tudo.

Na própria capital da universal potência falam-se os dialetos bárbaros, o sírio, o hebraico e, sobretudo, o grego. Pelas ruas de Roma, de Atenas, de Alexandria, de Éfeso, de Antioquia cruzam-se os bretões, os sírios, os africanos, os gauleses, os trácios, os íberos, ostentando as suas vestes regionais num autêntico desfile de policromia.

Nos circos apresentam-se animais de todas as partes: o leão da Etiópia e do Irão, o urso da Mísia, o touro da Germânia, o lobo dos Pirineus, o elefante da Ásia. As mercadorias circulantes do comércio da imperial metrópole provinham de todos os quadrantes: o óleo da Síria e o vinho de Chipre, a ânfora da Arcádia e o vaso de Creta, os figos da Ásia e as tâmaras da África, o nardo do Oriente e o loto do Egito...

A carreira militar não se constituía privilégio exclusivo dos originários dos limites geográficos da Loba Lendária porque de todas as províncias eram recrutados os legionários. O estandarte dos vexilários flutuava na Trácia, na Mísia, na Ilíria, no Egito, na Grécia...

O seu propósito era, pelo universalismo absorvente, dominar sob suas asas todos os povos. Assimila-lhes todas as características para enfraquecê-los.

Sob a *pax romana* jamais houve, em tempo algum, outro maior nem mais respeitável do que o vastíssimo império. *Nulla unquam respublica nea maior, nec sanctor.*

As belonaves dominadoras intercruzavam-se. Singravam o Mediterrâneo, o *mare-nostrum*, a espalhar em todas as cidades a efigie de César, o dominador supremo cunhada nas faces do sestércio. E a divulgar as leis, os decretos e as normas de governo para os cônsules, procônsules, governadores, procuradores e reis-tributários, espalhados na vastidão do



império e colegialmente submissos aos acenos do monarca, o centro de unidade da tentacular potência.

Eis a besta política de Apocalipse 13.1-10 no fastígio de sua glória! É dela que o Anticristo inspirará o povo a fazer uma IMAGEM destinada a sustentar no campo religioso a imperial organização.

**.oOo.**

## **ESCULPE-SE A IMAGEM**

**P**or ter ela existência física própria a HIERARQUIA CLERICAL é a imagem real da besta-alegoria do Império Romano de vez que este, em sua estrutura sócio-político-administrativa, é o objeto da organização estrutural da hierarquia católica.

### **A BESTA IMPERIAL**

Se desejamos ter noções exatas da IMAGEM DA BESTA devemos estar informados de como era e como se formara a própria BESTA IMPERIAL, através do enfoque de alguns elementos históricos.

1)- Em sua longa fase de organização o império latino figurado na primeira besta de Apocalipse 13.1-10, se repartia em muitas regiões semi-independentes sob o comando de seus próprios governadores.

Quando Cássio e Bruto, conspirando, abateram Júlio César, Marco Antonio desfraldou a reivindicação imperial. E do formidável gênio de Otávio, aliado ao seu astuto oportunismo, surgiu a unidade ecumênica ou universal do Império Romano.

Marco Antonio, apesar de sua aliança com Cleópatra, foi na batalha naval de Ácio, aos 2 de Setembro de 31 a.C., derrotado. Como consequência, Otávio, subjugado o Egito, e abrindo as asas da água

romana, desde o Oriente ao Ocidente, devorando toda a terra, pisando-a aos pés e fazendo-a em pedaços (Daniel 7.23), Otávio, sozinho, como imperador único de uma potência ecumênica, enfeixa em suas mãos todo o poder. Instala-se em realidade o império!

2)- A partir daí, a potência imperial não é uma nação, um povo, uma raça, uma língua, uma classe dominante. O império, sob a filosofia otaviana, é o espírito de uma política a coerir os povos vassalos.

Espírito de uma política na qual o conceito de romanidade se identifica com a concepção de universalidade. Neste sentido, ser romano é ser universal, ecumênico, católico.

Universal, romano, católico, ecumênico, sinônimos todos da filosofia política do pujante imperialismo que carrega no seu bojo, qual "*prolongação de vida*" (Daniel 7.12), os impulsos de violência das anteriores potências.

3)- Foi nesse tempo, nos dias de Otávio César Augusto (Lucas 2.1), quando todo o orbe desfrutava da paz estabelecida pelo gládio latino - *toto orbe in pace oomposito* - que nosso Senhor Jesus Cristo nasceu em Belém da Judeia.

4)- Posto no ápice do supremo poder, rei dos reis e chefe de todos os exércitos, o máximo imperador, o *IMPERATOR* Otávio investe-se, outrossim, do poder religioso absoluto, pois também a religião passara a, no conjunto da imensa potência, ser também objeto e propósito de unidade imperial.

Se na conceituação religiosa dos povos pagãos, os deuses eram reis divinizados, canonizados, depois da morte, por que não divinizar o imperador ainda em vida? Em defluência, o sentimento universalizante de Roma ao canonizar Otávio como deus, atribui-lhe, na liturgia do seu culto, títulos de blasfêmia: *Augustus* (= digno de adoração), *Sacratissimus Dominus Noster, Pontifex Maximus, Papa, Salvator, Filius Dei*.

5)- Depois de Otávio, contudo, o Império Romano começou a padecer indícios acentuados de desfalecimentos. Seus tentáculos não suportavam as pressões de ruptura e se viam incapazes de sustentar o sonho de Otávio Augusto. Combalido, dividira-se em duas grandes facções: a do Ocidente, governada por Maximiano Hércules, sucedido por Constâncio Cloro; e a do Oriente, governada por Diocleciano.

6)- A Constâncio Cloro sucedeu seu filho Constantino, que levava para o trono o anelo da restauração da unidade imperial nos moldes otavianos. Herdeiro de forte vocação política, convencera-se de que a sustentação da unidade imperial restaurada pelas armas só se obteria por meio da mística da unidade religiosa. Na sua ambição imperial-totalitária, impossível conceber-se um coeso reino romano sem a *UNA SANCTA*.

Empenhado em restaurar a romanidade da filosofia política de Otávio, primeiro no intuito de restabelecer a unidade do império do Ocidente, travou guerra contra Maxêncio. Venceu-o na Ponte Milvia, em 28 de Outubro de 312.

Foi nesta batalha decisiva que, segundo a lenda, Constantino contemplou nos céus o sinal da cruz com o dístico: *in hoc signo vinces* (= com este ou neste sinal vencerás), episódio este discutido em meu livro *O SINAL DA BESTA*.

Em 323 o sôfrego monarca venceu Licínio, o imperador do Oriente, reconquistando assim aquela unidade romana do tempo de Otávio Augusto.

Restaurado o grande império, Constantino, o novo *IMPERATOR*, tornara-se o autocrata supremo de toda a vida romana, legislador, jurista, comandante-em-chefe e supremo pontífice, corporizando em si mesmo toda a força e existência do Estado.

7)- A filosofia política de Constantino, em resultado de suas vitórias, inflamara a sensibilidade dos romanos desejosos de uma unidade religiosa como lastro da permanência da unidade político-social.

Por completo esfacelado o velho paganismo, só o cristianismo, na visão realista de Constantino, poderia atender essa conjuntura.

8)- Logo no seu surgimento em Roma o Cristianismo se tornara, por motivos políticos, vítima de crudelíssimas perseguições. Com efeito, os povos pagãos concebiam a organização estatal estruturada numa religião oficial. Deixar de segui-la implicava em crime contra o Estado. Eminentemente juristas, os romanos, sob esse condicionamento político-religioso, estabeleceram leis contra a introdução de cultos insubmissos e contrários às normas imperiais.

Os cristãos, em virtude de sua fé, se viram impossibilitados de conciliar seus princípios com o culto romano e, em consequência, de 65 a 313 (de Nero a Maximino Daia) sucederam-se as perseguições, ora em excesso violentas, ora em intervalos de tolerância.

9)- Nestas intermitências, sobretudo nos governos dos condescendentes Adriano, Antonino Pio e Cômodo (influenciado este pela sua concubina Márcia, que era cristã), desenvolvia-se a apostasia.

No fragor da crueldade havia defecções morais consequentes da covardia e, acima de tudo, do desprezo da Sã Doutrina.

É essa apostasia a geradora do catolicismo, aquela facção corrompida do Cristianismo, elemento religioso da unidade imperial restaurada por Constantino.

## **AS DUAS PRIMEIRAS CORRUPÇÕES**

A primeira adulteração ocorrida no seio do Cristianismo foi no tocante à Doutrina da Salvação por inteira e exclusiva Graça de Deus com a absoluta dispensa do concurso das obras. Os fariseus tidos como cristãos, já nos Tempos Apostólicos, requeriam estas obras ao lado da fé em Jesus Cristo (Atos 15.1, 5), no que foram tenazmente reprimidos por Paulo Apóstolo, sobretudo em suas luminosas Epístolas aos Romanos e aos Gálatas.

O segundo desvio na descomunal trama de falsificações aconteceu em relação à Doutrina da Eclesiologia. Alguns presbíteros pretenderam sobre a Igreja usar de autoridade não concedida pelo Novo Testamento. Ambicionavam eles o senhorio da herança do Senhor. João em sua Terceira Epístola (vv. 9,10), alude a um certo Diótrefes, cioso de primazia, a embaraçar-lhe o ministério apostólico numa das igrejas e a manipular arbitrariamente a sua membresia.

Paulo Apóstolo aos bispos da Igreja em Éfeso confia a ameaça de lobos cruéis a dizimar o rebanho e que dentre aqueles mesmos presbíteros levantar-se-iam os cobiçosos de autoridade ilegítima (Atos 20.29-30).

Era o germe do desvio no tocante ao governo original das primeiras Igrejas.

Lançado o germe no terreno das ambições humanas, lentamente, ele se desenvolveu. As igrejas de maior número de membros, em manifesto conflito com a Eclesiologia Neotestamentária, se consideravam superiores às demais. As dos maiores centros julgavam-se detentoras de certas regalias acima das localizadas em pequenas cidades ou nos arrabaldes das metrópoles. E os pastores das igrejas ambiciosas prevaleciam sobre seus companheiros. Delineavam-se os contornos da IMAGEM DA BESTA!

## **ENTENDIMENTO COM A POLÍTICA**

A partir do tempo do imperador Marco Aurélio, na metade do século II, surgiu a tática de aproximação dos poderes civis, participando deles para usufruir proveito, em frontal oposição aos exemplos de Jesus Cristo, que jamais se permitiu envolvido por eles, pois o Seu Reino não é deste mundo.

Ao tempo desse imperador, um fato facilitou essa aproximação quando a violenta perseguição foi interrompida por causa da guerra

contra a Morávia e a Boêmia. Sobrevindo falta d'água aos romanos, já ameaçados, o imperador mandou "rezar" aos deuses. Os cristãos participavam do exército romano e que, para se destacarem se compunham em uma legião especial, chamada Méliá, oraram a Deus. A chuva caiu abundante na região dos romanos e os inimigos foram desbaratados pelos coriscos e trovões. O historiador Eusébio afirma que Marco Antonio atribuiu esse favor dos céus à legião cristã, chamando-a *legio fulminatrix* (= legião fulminante). Concedeu-lhe em troca um período de paz.

Uma ala bem ponderável dentre os cristãos pendeu para as propostas de entendimento com o paganismo, feitas por Caracala, Macrino e Heliogábalo.

Entre o fim do século II e início do século III, tomou corpo o movimento sincretista pelo qual se procurava estabelecer uma unidade entre as divindades pagãs ocidentais e orientais. O Deus dos cristãos teria também parte nessa miscelânea. Alexandre Severo, com a anuência de muitos cristãos, colocara até uma imagem do Deus dos cristãos entre os deuses.

A mentalidade ecumenista lastrada nesses poucos anos medrou em muitos. E já nesse tempo os líderes cristãos desse movimento alimentavam pretensões sacerdotais.

Releva notar-se que aqueles fariseus legalistas de Atos 15.1,5 se reproduziram constantemente em herdeiros que almejavam poderes eclesiásticos. Aquela mesma instinto e aquela tendência que haviam corrompido o Judaísmo e exalçado um sacerdócio que chegou a ser uma barreira entre os homens e Deus, começa a repetir-se e a corromper a simplicidade e espiritualidade das Igrejas Neotestamentárias.

Sem fé genuína e mais amantes de bem-estar, essa incipiente casta sacerdotal, "padres" e "bispos", não resistiu às perseguições renovadas com o imperador Décio de 249 a 251. Sujeitaram-se muitos eclesiásticos ao culto pagão. E receberam nessa época epítetos de acordo com suas várias funções dentro da idolatria. Chamavam-se "sacrificati" os eclesiásticos que sacrificavam aos ídolos; "turiferati", os que ofereciam incenso; e "libellatici", os que serviam de caudatários ao imperador e lhe prestavam culto.

Os títulos pomposos atribuídos aos imperadores: Vigário de Júpiter Capitolino, Pontífice Máximo ou Sumo Pontífice, Nosso Senhor Sacratíssimo, faziam cócegas à petulância dos ilustres eclesiásticos.

Babavam-se ao verem os imperadores recebendo honrarias atribuídas aos deuses.

Muitos crentes, em contrapartida, recusavam a nova situação. Preferiam o martírio a renegar o seu Deus e apontavam os desvios para a apostasia com o apodo de IGREJA DA HIERARQUIA. Não se importavam com os sacerdotes. Haviam-se com Deus pela Mediação de Jesus Cristo. Mantinham intacta a sua fé através da meditação constante da Palavra de Deus. E esses mártires não constam do Martirologio Romano, engendrado pelos "padres" com o objetivo de exaltar sempre mais os seus apetites de poder e domínio sobre as consciências.

No fim do século III, em que muitos cristãos galgaram altos postos na política e no exército, já o Império Romano estava dividido em duas grandes facções: a ocidental, governada por Maximiano Hércules, sucedido por Constâncio Cloro; e a oriental, governada por Diocleciano.

Constâncio Cloro, esposo de Helena (a "santa" Helena descobridora da cruz de Cristo\_ - ???), pôs termo à perseguição no Ocidente e morreu catecúmeno católico. Sucedeu-lhe Constantino, seu filho, o restaurador da grande potência.

## **O NASCIMENTO OFICIAL DO CATOLICISMO**

Nesta altura do tempo a IGREJA DA HIERARQUIA se impunha nos bastidores da política imperial.

Com a ambição de se fortalecer definitivamente no poder, Constantino promoveu medidas próprias para prestigiar ao máximo a incipiente hierarquia católica. No intento de cedê-los à nova religião, confiscou templos pagãos ornados com todas as variedades de mármore, de alabastro, de pórfiro e de ônix. Foi por ela absorvido o estilo romano, enriquecido com as linhas áticas, dóricas e jônicas e cuja imponência anterior e suntuosidade nos requintes do mobiliário e da decoração inspiravam-se nos hábitos voluptuosos do oriente. A absorção desse estilo por si revela o aspecto sincretista da religião aproveitadora da situação vigente para enfundar suas velas História em fora.

Constantino ainda reconheceu válidas as alforrias praticadas pela "igreja". Conservando os procônsules, decidiu, todavia, conceder aos "bispos" o direito de jurisdição sobre os membros do seu clero, um outro desvio no sentido de firmar a hierarquia católica. Sua arbitragem foi reconhecida também inapelável para os processos civis entre os leigos, mesmo quando solicitada apenas por uma das partes.

Em todas as províncias, em todas as cidades, ocupavam os sacerdotes as principais magistraturas, desempenhavam as mais altas funções municipais, inclusive as de chefia das prefeituras. Penetraram na intimidade das famílias e no coração das cidades, inspecionando as tutelas e curatelas, obtendo a incumbência de proteger os interesses das cidades e os direitos dos menores. Tornaram-se, por isso, populares.

Confiaram-se-lhes as funções simpáticas da administração enquanto que aos outros magistrados, as repressivas e impopulares. Ao promulgar Justiniano, posteriormente, a lei que conferia ao "bispo" o direito de vigiar todos os funcionários do império apenas sancionou uma prerrogativa exercida por eles já de longa data. De há muito o "bispo" se revestira do poder tribunicio de *defensor populi* (= o defensor do povo).

Essas medidas visavam prestigiar ao máximo os "bispos" da IGREJA DA HIERARQUIA, transformando-a num organismo oficial. Prestigiando os "bispos", associava-os à vida e ao funcionamento do Estado, reforçado, pela influência da hierarquia sobre os fiéis.

Em 325, Constantino convocou o Concílio de Niceia, pelo catolicismo considerado o primeiro concílio ecumênico. Dele participaram só os "bispos", então já distinguidos dos simples presbíteros.

Nessa assembleia ocorreu a primeira demonstração pública da hierarquia católico-romana.

Foi nesse Concílio convocado, presidido e com as suas decisões impostas à execução pelo imperador Constantino, porque a religião romanizada não tinha ainda outro sumo pontífice, que essa facção do cristianismo corrompido recebeu o nome de católica ou catolicismo.

Vale observar-se o pormenor de ser a atuação realçada de Constantino na condição de sumo pontífice da igreja da hierarquia nesse Concílio de Niceia reconhecida pelos próprios autores católicos de compêndios de história eclesiástica (Funk, *Historia Eclesiástica*, Rio de Janeiro, 1924, pág. 104; Àlzog, *Histoire Universelle d'Église*, vol . I, pág. 375, nota 1).

Posteriormente, em 380, Teodósio, porque o imperador ainda empunhava o cetro do sumo pontificado da religião romanista e, por isso, no ano seguinte, isto é, em 381, convocou e sob sua autoridade se celebrou em Constantinopla o segundo Concílio Ecumênico.

Em 380 Teodósio, pelo decreto *Cunctos Populos*, impôs a todo o Império Romano a obrigatoriedade do epíteto CATÓLICA a designar a Igreja da hierarquia: "... queremos que os que seguem esta lei [a religião] tomem o nome de cristãos católicos e que os outros tenham o nome infame de hereges" (Rivaux, *Tratado de História Eclesiástica*, T. I, pág. 347).

Naquele Concílio de Niceia, quando já sem reboços a igreja da hierarquia distinguia os "bispos" dos presbíteros comuns, agora já denominados sacerdotes, estabeleceram-se vinte cânones acerca da hierarquia e da disciplina eclesiástica nos moldes imperialistas, sufocando assim a concepção neotestamentária de Igrejas autônomas na condição de repúblicas democráticas.

A posição de chefe máximo do catolicismo conferiu a Constantino o dever de impor os decretos conciliares. Nessa conformidade, expediu cartas a todas as igrejas e a todos os governadores de províncias, exigindo acatamento das decisões niceianas, sob penas coercitivas (Vascoti, *Institutiones Historiae Ecclesiasticae Novi Foederis*, Roma, vol. I, pág. 254).

Então, dizia-se, uma grande voz foi ouvida no Céu, exclamando: "grande veneno foi derramado agora sobre a Igreja de Deus" - *Nunc venenum in Ecclesia Dei effusum est* (Frei Luís de Sousa, *Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires*, T. I, Lib. 1, cap. 23).

Um cristão contemporâneo, inconformado, fez este trocadilho: "Até aqui os cálices eram de pau e os bispos de ouro; agora, os bispos são de pau e os cálices de ouro!".

O Concílio de Niceia tomou ainda outra deliberação importante pelas consequências futuras em proveito da hierarquia. Dividiu o catolicismo, de acordo com as quatro grandes divisões administrativas do império, em quatro patriarcados, com jurisdição independente um do outro: Jerusalém, Antioquia, Roma e Alexandria.

Este fato, outrossim, se constitui em elemento novo nos desvios da hierarquia católica a distanciá-la ainda mais da Eclesiologia Neotestamentária.

## **UMA DIGRESSÃO IMPORTANTE**

Segundo a mente do Novo Testamento as igrejas, quanto ao seu governo e à sua disciplina, devem ser por completamente separadas, autônomas e independentes entre si. Seus oficiais (pastores e diáconos), sem se constituírem em hierarquia, são servos da Igreja.

Imbuída da mentalidade imperialista de Roma, a facção corrompida do cristianismo desvirtua essa concepção neotestamentária de Eclesiologia ao aceitar a doutrina universalista, romana, católica do império.

Há pessoas desinformadas ao suporem contradição no pomposo título CATÓLICO ROMANO. Se católico quer dizer universal, essa "igreja" não poderia ser simultaneamente universal e romana, isto é, restrita aos limites de Roma.



O termo ROMANA, neste caso, ultrapassa o seu significado etimológico, porquanto na designação dessa "igreja", católica (= universal) e romana se confundem em íntima sinonímia numa continuação da filosofia política do velho império, útero onde se gerou o imperialismo político-religioso católico.

## **O "PAPA" NO VÉRTICE DA IGREJA DA HIERARQUIA**

É da filosofia política do Império Romano! Catolicismo sinónimo de universal como o império era universal.

Consoante o pensamento constantiniano, um império universal ou católico só poderia sustentar-se no cumprimento do seu destino mundial à base de uma religião católica ou universal. Para um império católico uma religião oficial também católica.

Sumo Pontífice do império, Constantino, o *IMPERATOR*, era, como seu fundador histórico e legal, o pontífice máximo, o "papa", da religião católica ou imperial.

Conquanto houvesse vencido Licínio, imperador do Oriente e agregado esta região do globo terrestre à potência imperial, temia a possibilidade de nova cisão. E a prever este risco e a prover adequadas medidas na sustentação da unidade do reino universal, transferiu sua residência para Bizâncio, no Oriente, mudando-lhe o nome para o de Constantinopla, onde morreu em 337 numa expedição contra os persas.

A mudança da sede do governo para o Oriente deixou Roma em condições mesológicas favoráveis à incubação e ao desenvolvimento da primazia do bispo local sobre os demais prelados e respectivas igrejas.

Tornando-se alvo de especiais atenções, credenciara-se, escolhidos por alguns, à arbitragem em contendas e rivalidades entre "bispos".

O povo romano, agora católico, habituado a ver um deus na pessoa do imperador, transferiu aquele culto à pessoa do seu prelado.

Com a morte de Constantino, o império cindiu-se outra vez e logo a seguir se esfacelou com a invasão dos povos bárbaros.

E neste contexto histórico a primazia do "bispo" de Roma, lenta e firmemente, cresceu e se impôs até se transformar no sucedâneo do antigo imperador na condição de sumo pontífice ou "papa".

Roma, por muitos séculos, fora o centro do mundo. Nas marchas e contra-marchas da decadência do seu predomínio, máxime com a invasão dos povos bárbaros, todos os olhos se volveram para Roma, como regra de

esperanças. Feita católica, o seu “bispo” transformara-se em norma de consciência e centro de unidade da religião.

Toda a hierarquia sócio-política da grande potência se erguia da autoridade majestosa do imperador. É a primeira besta, a fera política de Apocalipse 13.1-10.

Tendo sido ferida a primeira besta, a hierarquia católico-romana, pelo cinzel da desmedida ambição dos Diótrefes eclesiásticos favorecidos por circunstâncias históricas, foi esculpida para ser a IMAGEM DA BESTA.

O “papa” é o Anticristo!

O sistema católico romano é a mulher prostituta! A antítese da Mulher-Noiva, imaculada, trajada de linho fino, resplandecente e puro.

A hierarquia clerical composta dos “bispos” fundamentados no “papa” é a IMAGEM DA BESTA.

O império latino jamais teria concretizado na História a sua filosofia política universalizante se não houvesse esparramado os seus procônsules por todos os quadrantes do seu vasto domínio.

Se a filosofia imperialista de Roma preparou um terreno propício à evolução do catolicismo como religião super-política, em que as próprias teorias sócio-políticas do império fossem como sangue a circular em todo seu corpo, os “bispos”, hierarcas da religião-império, subalternos imediatos do “papa”-césar quais procônsules, incumbem-se de pugnar pela implantação e manutenção da igreja da hierarquia, a Babilônia do Anticristo.

Cópia do Império Romano na sua organização sócio-político-administrativa e sua descendente e herdeira, a HIERARQUIA romanista, a gigantesca impostura e flagelo dos povos, é a IMAGEM DA BESTA!

.oOo.

## **PÁGINAS DE ECLESIOLOGIA**

**Diante da Verdade** avalia-se o erro em suas nefastas proporções. A longa trama de falsificações que redundou na montagem da hierarquia católica só pode, em sua monstruosa aberração, ser aquilatada ao lume dos ensinamentos do Novo Testamento no tocante à Eclesiologia.

Enfocada pelas filosofias humanas e pelos interesses oligárquicos, a hierarquia é capaz de iludir as consciências, convencendo-as de sua real necessidade no bom encaminhamento das coisas do Evangelho e, por isso mesmo, de sua Instituição Divina.

A luz brilhante das Escrituras Sagradas, porém, patenteia a impostura institucionalizada pelo clero hierarquizado.

Em busca de melhores conhecimentos, analisaremos os vocábulos próprios da terminologia eclesiológica do Novo Testamento.

1)- O primeiro termo desse complexo a nos merecer atenção e o de IGREJA.

a- Em seu original grego a palavra IGREJA deriva do verbo *EKKALEO* com o significado de “chamar à parte” ou “para fora”.

b- Em defluência, a IGREJA é a comunidade, ou melhor, a comunhão dos chamados à parte ou para fora do mundo perdido. É um corpo escolhido e separado da massa popular. É a família dos salvos, dos nascidos de novo (João 3.3-5), dos “*santos em Jesus Cristo*” (Filipenses 1.1). É a assembleia voluntária dos discípulos de Cristo! É a congregação específica e local dos verdadeiros cristãos organizados para a promoção do Culto Divino, das Doutrinas Novotestamentárias, das Ordenanças e Disciplina Evangélicas.

Frise-se! Como decorrência mesmo de sua origem etimológica e de sua definição baseada em sua própria natureza, a constituição da Igreja é CONGREGACIONAL e não oligárquica ou hierárquica, nem presbiterial, nem episcopal.

c- Em sendo o seu Fundador, Jesus Cristo é o seu Único Sumo-Pontífice e Rei. Seu Único e Soberano Senhor sobre Quem, com exclusividade, recai a Primazia de Jurisdição. Seu Único Cabeça. Sua Pedra Angular. Seu Máximo Legislador.

d- Por 94 vezes das 115 em que o vocábulo IGREJA aparece no Novo Testamento, é com toda a clareza com a significância de corporação ou congregação LOCAL.

As Igrejas do Novo Testamento, essas corporações locais, no governo e disciplina, são, entre si, INDEPENDENTES. Separadas umas das outras.

Mutuamente autônomas. A Igreja em Jerusalém não tinha qualquer domínio sobre a de Antioquia. Nem esta sobre as da Galácia. Nenhuma ingerência em sua administração interna.

e- Ademais, cada Igreja, em seus assuntos de governo interno e de disciplina, se norteia por normas que outorgam a cada indivíduo-membro os mesmos direitos e os mesmos deveres, sem quaisquer distinções e sem a presença de qualquer grupo dominante ou classe de opressão.

f- Encontramos nas Páginas Sagradas o termo Igreja, no singular, para designar as igrejas em geral, como instituição. É uma maneira de se falar ainda hoje. Dizemos, por exemplo, a Família quando nos referimos a ela como instituição.

No Novo Testamento o vocábulo igreja, no singular, nunca é empregado em alusão à totalidade das igrejas locais como que formando uma Igreja Universal por elas composta. Também nada lemos sobre “diocese” ou “sínodo”. E nem sobre Igreja Nacional composta de muitas e distintas congregações. Não encontramos nada que fundamente a “Igreja Metodista”, ou a “Igreja Presbiteriana”, ou a “Igreja Batista”, se estes títulos designam uma grande organização nacional, ou territorial, ou denominacional, abrangendo em si muitas congregações locais.

Uma Igreja Batista é somente uma Igreja Batista, uma congregação local. A diversidade delas numa nação, num estado ou numa cidade é chamada de as Igrejas Batistas.

2) - As Igrejas são servidas por determinados oficiais ou ministros. Elas têm o seu MINISTÉRIO ou conjunto de ministros.

a- Com o evoluir do tempo, as palavras vão se desgastando e perdendo a sua primitiva significação legítima. Deterioram-se. Esvaziam-se do seu conteúdo originário verdadeiro.

No entendimento vulgar de hoje o termo MINISTRO quer dizer o contrário de sua primitiva significação porque atualmente o ministro desfruta de autoridade numa posição de muito destaque no governo político. O ministro da Educação, o ministro da Fazenda, o Ministro da Justiça...

b- O sentido certo dessa palavra, contudo, é o de SERVO, serviçal. Ministrado é servir. E ministério é o conjunto de servos.

O pastor evangélico, que não é sucessor dos Apóstolos, é ministro da Palavra de Deus como servo da Igreja!

c- Como a Igreja, os seus ministros ou oficiais também são de Instituição Divina.

d- Encontramo-los EXTRAORDINÁRIOS e NORMAIS ou COMUNS.

Dentre os oficiais extraordinários, que não são essenciais à perfeita organização da Igreja, há os TEMPORÁRIOS e os PERMANENTES.

Temporários foram os Apóstolos e os Profetas do Novo Testamento. Pertenceram somente ao primeiro século ou ao Período Apostólico.

Os extraordinários permanentes, também não essenciais à organização da Igreja, são os evangelistas (ministério itinerante como o de Apolo, Timóteo, Silas e Filipe), os mestres e pregadores (dotados e consagrados para instruir publicamente, mencionados em I Coríntios 12.28; Efésios 4.11; Romanos 12.7; Atos 13.1).

Os oficiais ou ministros NORMAIS, COMUNS, permanentes e essenciais, porque indispensáveis à igreja, são os pastores e os diáconos. Servem à igreja e não se servem da igreja!

Gostaria de empregar aqui a expressão oficiais ordinários. Esquivo-me de fazê-lo pelo motivo de ser atualmente o termo ORDINÁRIO carregado de sentido pejorativo. Penso substituírem-no bem as palavras NORMAIS, COMUNS.

3) - Os vocábulos presbítero, bispo e pastor, usados reciprocamente nas Escrituras como designação desse encargo nas Igrejas, são sinônimos.

O termo “bispo” é simplesmente a palavra grega para chamar a pessoa, a quem os hebreus nomeavam de “ancião” ou “presbítero”, enquanto o vocábulo “pastor” indica a mesma pessoa a quem Deus incumba o pastoreio ou cuidado e guia do rebanho,

a- “Presbítero”, vocábulo de origem judaica, significa “ancião”, o *SENIOR* (= o mais velho), donde a palavra *SENADO*.

Pela sua própria etimologia, portanto, expressa a dignidade da pessoa madura com grande experiência na vida, caracterizada pela seriedade.

b- “Bispo” é de procedência grega e tem o sentido de superintendente, organizador, diretor com a conotação da responsabilidade perante uma autoridade ou poder superior.

Paulo é o único a empregá-lo para designar o ministro da igreja, onde é o supervisor a presidir o trabalho da comunidade e o encaminhamento dos seus programas na incumbência de moderar a aplicação das normas.

c- O termo “presbítero”, por sua índole espiritual, denota o ESTADO pessoal na conduta séria do pastor, enquanto o vocábulo “BISPO” designa sua FUNÇÃO ou CARGO daquele que vai à frente do rebanho.

d- O vocábulo “pastor” expressa ternura, desvelo, bondade, desprendimento como guia e responsável do rebanho. Na Bíblia este termo, de resto, tem uma feição de carinho e doçura (Salmo 23; João 10). Nosso Senhor Jesus Cristo é o "PASTOR e BISPO" (I Pedro 2.25). Como Pastor dá-Se por Suas ovelhas e como Bispo precede-as em rumo do Céu.

Ao pastor compete a responsabilidade de alimentar o rebanho no cuidado de sua vida espiritual. Guiá-lo pelas pastagens verdejantes da Sã Doutrina.

Cabe-lhe o encargo de defender o rebanho, mesmo com o risco de sua própria vida. Serve-lhe o cajado de arrimo nas agruras do ministério e da vara a ajudá-lo, não a castigar, mas a reintegrar ao redil a ovelha arisca e desobediente.

e- Os ministros (= servos) evangélicos preferem, ao invés de presbíteros ou de bispos, ser chamados de pastores em vista do enfoque afetivo da palavra.

4)- Dentre as suas qualificações, o pastor, além de sóbrio, ordeiro, hospitaleiro, moderado, deve ser *“não neófito, para que não se ensoberbeça”* (I Timóteo 3.2-7; Tito 1.6-9).

A função de presbítero é de serviço, de dedicação, de desprendimento, de desvelo, pela igreja do seu pastoreio. É de HUMILDADE. De nivelamento com todos os do seu cuidado.

Sua autoridade não é a do mando. A da imposição de ordens e de determinações. É a autoridade da experiência na vida cristã, do zelo pela Sã Doutrina, da simplicidade de vida, da conduta retilínea.

Seu fator de credibilidade não é um *status* social segundo os padrões do mundo. Reside ele precisamente em sua capacidade de renúncia, de desprendimento, de desapego, de despojamento... Ao pastor que serve a Causa do Cristo de Cabeça cingida por uma coroa de espinhos, não fica bem uma cabeça emproada coberta dos louros da terra...

5)- A sinonimia neotestamentária dos vocábulos “presbítero” e “bispo” é cristalina por serem usados reciprocamente nas Escrituras.

a- Paulo Apóstolo, em Atos 20.17, 28, emprega alternativamente os dois termos sinônimos, sem qualquer distinção ou diferença de significado. Mandou ele chamar os “PRESBÍTEROS” da Igreja em Éfeso e, em seu encontro com eles, disse-lhes: *“Cuidai, pois de vós mesmos e de todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu BISPOS, para apascentardes a Igreja de Deus que Ele adquiriu com o Seu próprio sangue”* (o realce em versais corre por minha conta).

Em suas Epístolas Pastorais sublinha ele essa particularidade sinonímica: *“Por esta causa te deixei em Creta, para que pusesses em boa ordem o que ainda não o está, e que em cada cidade estabelecesses PRESBÍTEROS, como já te mandei; alguém que seja irrepreensível, marido de uma só mulher, tendo filhos crentes que não sejam acusados de dissolução, nem sejam desobedientes. Pois é necessário que o BISPO seja irrepreensível...”* (Tito 1.5-7).

Idênticos são os deveres e idênticas as qualidades exigidas para o “BISPO” e para o “PRESBÍTERO” (I Timóteo 3.1-7; Tito 1.5-7).

A ordenação para o Episcopado, outrossim, é a mesma conferida pelo presbiterado que é a reunião de presbíteros (I Timóteo 4.14).

b- Os teólogos católicos são concordes em admitir a evidente e límpida sinonímia.

Jerônimo, um dos mais famosos “pais da igreja”, à luz do Texto acima, se viu incapaz de fugir desta conclusão: *IDEM EST PRESBYTER QUI ET EPISCOPUS* = Presbítero é o mesmo que Bispo (*Comment.in Tit.* I, 5).

Em adendo, reconhece ainda ser o episcopado católico de instituição eclesiástica e o Presbiterado de Instituição Divina.

M. Teixeira Penido, clérigo romano, em seu livro *O MISTÉRIO DOS SACRAMENTOS* (Vozes, Petrópolis, 2a. edição, 1961), considerando Atos 20.17, 28, assegura: “Nos Atos dos Apóstolos os mesmos indivíduos são chamados ora presbíteros ora bispos, chamados indiferentemente bispos e presbíteros (...). Só mais tarde a Igreja teria dividido o sacerdócio, consagrando, além dos bispos, presbíteros”.

De semelhante reconhecimento são, dentre outros muitos, os teólogos romanistas M. Guerra (*Teologia dei Sacerdocio*), P. Benoit (*Exegese et Theologie*), M. Garcia Cordero (*Teologia de la Biblia, Problemática de la Biblia*) e Lorenzo Turrado (*Biblia Comentada en Hechos de los Apóstolos y Epistolas Paulinas*).

Essa distinção entre presbítero e bispo, aliás, surgiu pela primeira vez no século II com Inácio de Antioquia [*Ad Magnesios* VI, 1; *Ad Philadelphos* IV].

Reflexo evidente do reconhecimento dessa reciprocidade de vocábulos é a disputa entre os teólogos sobre serem o episcopado e o sacerdócio sacramentos distintos ou se se constituem num só sacramento. No elenco sacramentário romanista enfileiram-se os SETE sacramentos: batismo, crisma, confissão, eucaristia, unção dos enfermos, matrimônio e ORDEM.

Por este último, o indivíduo se torna sacerdote. O problema da teologia romana reside na velha discussão: sacerdócio e episcopado são um só ou são dois sacramentos? Se um só, então, o simples sacerdócio não o é completo. Se são dois os sacramentos, deixando de ser SETE, se tornam OITO em oposição ostensiva ao Tridentino que anatematiza os que diminuem ou aumentam esse número septenário.

6) - Na estrutura das igrejas do Novo Testamento, por completo, alheia-se qualquer HIERARQUIA, classe, casta ou graduação de poderes uns a sobrepujar os outros, mesmo a título de fidelidade à Mensagem Evangélica.

Todos se nivelam na vivência da comunhão fraternal à inspiração da fé evangélica em Jesus Cristo.

Nem os Apóstolos se destacam no plinto do mando.

Distinguem-se eles, é verdade, porque:

- o seu número DOZE corresponde ao número das tribos de Israel incumbidas de missão especial, como especial é a missão dos Apóstolos;
- a visão real, efetiva, concreta de Cristo em Seu Corpo Ressuscitado;
- a recepção do Evangelho, sem qualquer intervenção humana, por instrução direta e pessoal de Cristo (Gálatas 1.11-20);
- o poder específico de comunicar o Espírito Santo ou conferir a faculdade de exercitar dons sobrenaturais (Atos 8.14-17);
- escolhidos e comissionados pessoal e diretamente por Jesus Cristo (Mateus 10.1-5; Gálatas 1.1);
- cabia-lhes a missão inigualável de órgãos da Revelação Divina (João 15.26, 27; 14.26; 16.13-15; I João 1:1-3; Gálatas 1.11,12). Com a morte deles encerrou-se o período oficial dessa Revelação. João, de resto, foi o derradeiro sobrevivente deles e o seu livro, o Apocalipse, encerra as Sagradas Escrituras, de si mesmas todo-suficientes para se crer em Jesus Cristo e, crendo nEle, receber-se em Nome dEle a Vida Eterna (João 20.30, 31).

Nos últimos versículos das Escrituras, como a, em definitivo, arrematá-las sublinhando sua todo-suficiência, João assegura: *“Eu testifico a todo aquele que ouvir as palavras da profecia deste livro: Se alguém lhes acrescentar alguma coisa, Deus lhe acrescentará as pragas que estão escritas neste livro; e se alguém tirar qualquer coisa das palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte da árvore da Vida, e da Cidade Santa, que estão descritas neste livro”* (Apocalipse 22.18, 19).

Constituem-se os Apóstolos com os Profetas o fundamento da Família de Deus, composta dos crentes (Efésios 2.20).

Nessa circunstância são, como servos, nomeados por primeiro, antes dos profetas, dos mestres, dos evangelistas, dos pastores (Efésios 4.11; I Coríntios 12.28).

Sua missão específica, primordial, por lhes ter Jesus Cristo, após a Ressurreição, “Se apresentado Vivo, com muitas provas infalíveis por espaço de quarenta dias” (Atos 1.3), foi a de testemunhas de Cristo RESSUSCITADO (Atos 1.22; 2.32; 4.2, 10; I Coríntios 15.15).

O Apostolado, à semelhança do ofício de Moisés na introdução da Antiga Dispensação, cumpriu o especial desígnio de introduzir o Cristianismo.



Satisfeita a específica missão, cessou o ofício do Apostolado. E, como consequência, nas Escrituras nada se encontra acerca da sua perpetuidade através da sucessão episcopal.

Embora investidos do múnus ímpar, sem o desfrute de qualquer posição hierárquica, comportavam-se como servos (Romanos 1.1; 1.1; II Pedro 1.1), ao ponto de Paulo renunciar o seu legítimo direito ao sustento material quando a ministrar a Palavra em Corinto por preferir suportar tudo a fim de não ser impedimento do Evangelho (I Coríntios 9.12).

Jamais lhes coube constituírem-se em oligarquia de mando naquele ambiente democrático dos discípulos que “*por voto comum*” elegeram Matias (Atos 1:26) e os sete diáconos (Atos 6.5, 6) e viram Pedro e João serem enviados a Samaria (Atos 8.14).

Em meu livro *O PAPA ESCRAVIZARÁ OS CRISTÃOS?* reservo todo o capítulo *SERÃO OS BISPOS CATÓLICOS SUCESSORES DOS APÓSTOLOS?* ao estudo da transitoriedade do múnus apostólico.

Com a morte de João extinguiu-se o encargo dos Apóstolos, competindo exclusivamente às Igrejas, de então para a frente, a propagação dos Ensinos de Deus expressos oficial e explicitamente em Sua Revelação, encontrada em seu Divino Depósito, as Sagradas Escrituras.

Os pregadores comissionados pelas igrejas, classificados por Paulo Apóstolo como “*cooperadores*” com as Igrejas (II Coríntios 1.24), e não por qualquer classe oligárquica (Atos 13.1-3; 15.3), compunham o Ministério.

7)- Nas Escrituras do Novo Testamento nunca se encontra qualquer Apóstolo instituindo ou ordenando pastores com o gesto sacramental da imposição das mãos, na tentativa de estabelecer uma sucessão apostólica. Os pastores (= presbíteros, bispos) são indicados pelas igrejas (Atos 14.23; I Timóteo 4.14) que precisam examinar se os candidatos são dotados das qualificações indicadas pelas Escrituras (I Timóteo 3.1-7; Tito 1.5-9).

Em capítulo ulterior, ao estudarmos A SAGRAÇÃO EPISCOPAL, examinaremos o assunto da imposição das mãos, como quer a Constituição *Lumen Gentium* do Vaticano II, dotada de capacidade de transmitir aos “bispos” a sucessão apostólica.

8)- Nos Tempos Apostólicos, outrossim, o presbítero da igreja jamais é chamado de sacerdote no sentido que a teologia romana anela.

O termo sacerdote, *IEREUS* em grego, é aplicado a Jesus Cristo (Hebreus 5.6; 7.17-21). Ele é o Único Sumo-Sacerdote ou Pontífice (Hebreus 2.17; 3.1; 4.14, 15).

Os crentes, todos os crentes, são “*edificados como casa espiritual para serem sacerdócio santo a fim de oferecerem sacrifícios espirituais*” (I Pedro 2.5; Apocalipse 1.6).

Nem os próprios Apóstolos foram reconhecidos na condição de revestidos com o sacerdócio sacrificial. Somente a partir de Hipólito, Tertuliano e Clemente Romano (I Coríntios 40.1-5), quando já se acentuava a adulteração do Cristianismo, o título a eles de modo específico passou indevidamente a ser atribuído.

O vocábulo “sacerdote” adotado para designar os presbíteros não aparece nem entre as obras dos “pais” sub-apostólicos como a Didache.

Somente pelos fins do século II os presbíteros e os bispos passaram a ser chamados de sacerdotes.

Os exegetas católicos se desesperam diante do total silêncio das Escrituras Neotestamentárias quanto à designação de sacerdotes em favor dos presbíteros. C.Spicq. (*Les Épitres Pastorales*), no cúmulo do seu desapontamento, sai-se com esta: “O termo presbítero foi preferido ao de sacerdote, *IEREUS*, para evitar a confusão com os títulos *IEREIS* (= sacerdotes) e *ARCHIEREIS* (= arqui-sacerdotes ou pontífices) dos cultos pagãos”.

Ora, se ocorresse esse cuidado da suposição de Spicq, a Epístola aos Hebreus omitiria esses vocábulos em relação a Jesus Cristo e o Apocalipse não o atribuiria a todos os crentes.

9) – Ao encerrarmos este rápido estudo da Eclesiologia Neotestamentária falaremos algo acerca dos “diáconos” da Igreja.

Normalmente *DIAKONOS* (no grego) é o que serve e o vocábulo é adotado nas Escrituras com o fim de designar este ofício nas igrejas.

Escritores gregos reconhecem a significância de “servo” para o vocábulo DIÁCONO (Aristóteles, *Ética Nic.*, 1,1). E mais especificamente “o que serve a mesa” (Xenofonte, *Hiero.* 4,15; Demóstenes, 50, 33; Heródoto, 4, 71, 71).

A primeira referência do Novo Testamento aos diáconos é a nomeação dos "Sete" de Atos 6.1-6, escolhidos para servir as mesas, ou seja, cuidar dos negócios temporais da Igreja.

É um serviço diferente do de presbítero, a quem cabe de maneira mui especial a pregação da Palavra e a oração.

Se as igrejas como comunidades de seres humanos, físicos, permanentemente, têm os seus assuntos temporais, é evidente a necessidade também permanente dos diáconos como a necessidade permanente dos pastores.

Aliás, essa permanência dos diáconos se revela também por virem eles mencionados no Novo Testamento junto com os bispos, como oficiais normais e comuns das Igrejas (Filipenses 1.1). As qualidades especiais dos

candidatos ao diaconato, mencionadas em separado das dos bispos, denotam igualmente serem os diáconos de necessidade permanente.

**OBSERVAÇÃO:-** I Coríntios 40.1-5 mencionada no item 8 anterior não é a Epístola de Paulo, mas uma das cartas de Clemente Romano.

.oOo.

## A NATUREZA DA IMAGEM

**S**em quaisquer vacilações ou tergiversações, afirmo categórico, convicto, decisivo: A HIERARQUIA CATÓLICA É A IMAGEM DA BESTA.

### CONCEITO IMPORTANTE

É da boa norma didática o esclarecimento da significância dos vocábulos do assunto em estudo.

Deste capítulo o termo em realce é HIERARQUIA.

Hierarquia é um vocábulo composto de duas palavras gregas: *HIEROS* (= sagrado) e *ARQUÊ* (= governo).

Etimologicamente, portanto, significa governo sagrado, ou poder sacro, ou principado nas coisas sagradas.

HIERARQUIA ê, pois, sinônimo de HIEROCRACIA que também procede do grego: *HIEROS* (= sagrado) e *KRATOS* (= poder).

*HIEROS* (= sagrado) e *HIEREUS* (= sacerdote) são termos correlatos. Por isso, na antiga Grécia a HIERARQUIA se reduzia à autoridade do grande e sumo-sacerdote, o *HIEROFANTE*, chefe dos sacerdotes.

Pode-se, por conseguinte, definir a hierarquia como o conjunto de pessoas que detêm o poder sagrado. Ou o conjunto dos poderes sacerdotais subordinados uns aos outros.

Posteriormente, adotou-se o termo também nas esferas civis e militares.

Hierarquia, portanto, implica em categoria ou graduação mais elevada de pessoas. Denota uma classe dirigente e dominante.

## **IGREJA SEM HIERARQUIA**

À vista desse conceito de hierarquia ou hierocracia, verifica-se a absoluta impossibilidade de sua presença no seio das igrejas do Novo Testamento.

Estas eram, conforme vimos em capítulo anterior, assembleias de crentes em Jesus Cristo. Comunidades autônomas, mutuamente independentes, governadas internamente porquanto todos os seus membros se nivelavam em igualdade (Mateu 23.5-12; Atos 1.15-26; 6.1-6).

Naquele Cristianismo Legítimo, vivendo ainda a pureza originária da São Doutrina e em clima de fraternidade genuína, onde todos eram iguais sob o Senhorio Único de Jesus Cristo, não havia qualquer hierarquia, ou grupo mandante ou casta sacerdotal.

Naquelas repúblicas democráticas, onde todos fraternalmente se nivelavam sob a Exclusiva Soberania de nosso Senhor Jesus Cristo, nem os Apóstolos e nem os presbíteros (= bispos, pastores) se distinguiam como detentores de algum poder, sobre os discípulos.

A constituição duma hierarquia no seio do Cristianismo é, por conseguinte, uma aberração ou grave desvio da Vontade de Deus.

É espúrio e falso o cristianismo hierarquizado! É uma anomalia inqualificável o cristianismo imperializado!

Só as ambições pessoais num meio-ambiente bafejado pela filosofia da romanidade de Otávio Augusto e de Constantino Magno, poderiam conceber a romanização do Cristianismo.

## **O DOGMA DA HIERARQUIOLATRIA**

Esculpida a imagem da besta à imitação das estruturas político-sócio-administrativas do antigo Império Romano e destinada a sustentar ao longo dos séculos a mentalidade romanizante ou imperialista, proclama-se o extravagante dogma:

CRISTO INSTITUIU UMA SOCIEDADE RELIGIOSA, VISÍVEL, HIERARQUICAMENTE CONSTITUÍDA À QUAL CHAMOU DE SUA IGREJA (= *Christus instituit societatem religiosam vi-sibilem, HIERARQUICE constitutam, quam vocavit Ecclesiam Suam*).

Pontifica a dogmática que Cristo instituiu os Apóstolos em classe ou casta dominante sobre os discípulos comuns, os leigos, e a eles conferiu duplo poder: o de ordem ou de santificar, e o de governar.

O poder de ordem, incluindo o magistério, visa a manipulação das coisas sagradas, como os sacramentos, em vista da santificação dos homens. Geri-los é atribuição de pessoas selecionadas para esse fim, como os bispos, os sacerdotes e os diáconos.

O poder de governar uma sociedade perfeita chama-se JURISDIÇÃO.

Jurisdição é a autoridade de aplicar as leis e de conhecer as infrações dela. É o poder moral de obrigar os membros de uma sociedade perfeita a cooperar com os seus atos em proveito do fim comum dessa mesma sociedade.

O poder de jurisdição ou de governo compreende no catolicismo os pastores de diferentes graus: o “papa” no vértice da hierarquia como soberano pontífice, detentor de jurisdição universal e os bispos coadjuvados por seus sacerdotes em função paroquial.

Aplicada ao âmbito eclesiológico-católico, jurisdição, tendo em mira o regime público da “igreja”, é o poder de reger os fiéis nas coisas de fé e de costumes ou de comportamento.

Por isso, também nessas esferas eclesiásticas, a jurisdição envolve três poderes: o legislativo, o judiciário e o coercitivo.

Consoante a dogmática imperializante, Jesus Cristo investiu SOMENTE os Apóstolos no poder de governar os fiéis em rumo da salvação eterna.

Pelo fato de não serem eternos os Apóstolos, Cristo conferiu-lhes o poder de transmitir idênticos encargos e privilégios e idêntica posição hierárquica, aos seus legítimos sucessores, os “bispos”.

Em exposição sucinta eis o dogma católico.

## **NISSO EU CONCORDO**

Em sendo a sociedade a reunião ou união moral, estável de várias ou de muitas pessoas no objetivo ou na aspiração de um fim comum, considera-se a igreja como sociedade.

A igreja é, de fato, uma sociedade, cujos membros livremente congregados, anelam viver sob o Senhorio de Jesus Cristo em busca do seu desenvolvimento espiritual e no cumprimento da missão de divulgar a Verdade Integral do Evangelho para a Glória de Deus.

Nada a objetar no tocante a visibilidade da igreja, composta de pessoas concretas e visíveis.

O Novo Testamento, porém, discorda, quanto ao ser essa sociedade ou essas sociedades, as Igrejas, HIERARQUICAMENTE organizadas.

## **A AMBICIONADA BASE BÍBLICA**

Na sôfrega cobiça dos hierarcas romanistas forçam-se provas das Escrituras. Aliás, são eles constantes e abundantes na aplicação do *Scriptura ex machina*.

Arrolam os sofistas catolicólogos, dentre outras considerações secundárias, as seguintes passagens bíblicas reputadas importantes e decisivas no tocante a provar com as Escrituras a legitimidade de sua hierarquia:

**PRIMEIRA:-** Em Mateus 16.17-19 e 18.17, Cristo outorgou o supremo poder de governar os Seus fiéis a selecionadas e determinadas pessoas visíveis, os Apóstolos.

**SEGUNDA:-** Consoante Mateus 18.17, os membros da igreja necessitados de correção devem ser denunciados aos superiores e isto supõe uma classe de domínio sobre os outros.

**TERCEIRA:-** Em João 10.1-16 a igreja é assemelhada a um rebanho sob um pastor. Esta distinção entre superiores, ou pastores, e fiéis, ou súditos, é sublinhada também em Atos dos Apóstolos (2.41-47; 13.48; 14.22; 15.41; 18.22; 20.17).

## **RUI O CASTELO ENCANTADO**

A soberba hierarquia católica faz-me lembrar o gigante filisteu Golias, diante do qual me considero um pequeno Davi, incapaz de vestir a couraça e de cobrir-me com o capacete de bronze.

Embora trajado do prosaico surrão de todo dia, empunho a funda invencível da Palavra de Deus e do alforje das Escrituras retiro as pedras de sólida argumentação e atiro-as de encontro à petulante construção sofisticada.

1) - Em Mateus 16.17-19 leio este solene pronunciamento do Senhor Jesus Cristo: *“Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque não foi a carne e o sangue quem te revelou, mas Meu Pai, que está no Céu. Pois também Eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a Minha Igreja, e as portas do hades não prevalecerão contra ela; dar-te-ei as chaves do Reino dos Céus; o que ligares, pois, na terra será ligado nos Céus, e o que desligares na terra será desligado nos Céus”*.

Ora, a teologia romanista, a contrariar as singelas regras de hermenêutica, reluta em ver nesta Palavra de Cristo a promessa da primazia jurisdicional de Pedro sobre toda a Igreja por havê-lo Jesus constituído a pedra da mesma Igreja Universal.

Uma conhecida norma hermenêutica ensina-nos a lição simples de se entender a Bíblia com a própria Bíblia. quando surge uma passagem obscura.

Conquanto esse Pronunciamento do Mestre não seja obscuro por ser evidente a metáfora da pedra atribuída a Jesus Cristo e não a Pedro, recorramos a outras passagens das mesmas Escrituras.

a- Em Mateus 21.42-44; Lucas 20.17-18 e Marcos 12.10-12, nosso Senhor Jesus Cristo Se apresenta como a pedra simbólica.

b- Em Efésios 2.20 Paulo Apóstolo reconhece-O “*a principal pedra de esquina*” e em I Coríntios 3.11, o principal fundamento por ser Ele a pedra (I Coríntios 10.4).

c- Na Jerusalém Celeste aparecem os Doze Apóstolos do Cordeiro como fundamentos secundários da Cidade Santa sem denotar qualquer primazia de um deles sobre os demais como nas doze portas sem o realce de qualquer uma das doze tribos dos filhos de Israel (Apocalipse 21.12-14).

d- O próprio Pedro jamais avocou a si qualquer primazia. Nunca se apresentou como a pedra especial da Igreja. Porém, sempre reputou Cristo como a pedra.

Memorando aquela Palavra de Cristo em Mateus 21.42-44 (*passim*) perante o Sinédrio Jerosolimitano, afirmou Pedro: “*Ele [Jesus Cristo] é a Pedra que foi rejeitada por vós, os edificadores, a qual foi posta como pedra angular*”. E aduziu em conclusão: “*E em nenhum outro há salvação; porque debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, em que devamos ser salvos*” (Atos 4.11-12).

Todos os salvos são “*edificados como casa espiritual*” da qual todos são “*pedras vivas*”. Cristo, contudo, é a “*principal pedra angular, eleita e preciosa*” (I Pedro 2.5-8).

Nem entre as “*pedras vivas*” que compõem o conjunto do edifício Pedro se distingue. Da construção participa ele como qualquer delas.

Em meu livro PEDRO NUNCA FOI PAPA! NEM O PAPA É VIGÁRIO DE CRISTO pulverizo toda a ambiciosa sofismática romanista sobre a fantasiosa primazia de Pedro.

Naquele Pronunciamento de Jesus Cristo em Mateus 16.17-19 nem de longe há qualquer indício da constituição de um hierofante na pessoa de Pedro e dos seus supostos sucessores.

2) – Mateus 18.15-20 anota a conduta que deve ser praticada pelos discípulos na eventualidade de algum pecar.

a- Essa conduta adota quatro etapas estabelecidas por Jesus:

**PRIMEIRA** – *“Se teu irmão pecar, vai e repreende-o entre ti e ele só; se te ouvir, terás ganho teu irmão”* (v.15).

Cristo aqui alude a todos Seus discípulos. Sua Norma não se restringe somente aos Apóstolos.

Se qualquer discípulo, Apóstolo ou não, pecar, qualquer discípulo, Apóstolo ou não, deve ir a ele, em particular.

**SEGUNDA** – *“Mas se não te ouvir, leva ainda contigo um ou dois, para que pela boca de duas ou três testemunhas toda palavra seja confirmada”* (v.16).

Prossegue o Senhor a Se referir a todos os discípulos indistintamente. Qualquer um, Apóstolo ou não, pode ser testemunha.

**TERCEIRA** – *“Se recusar ouvi-los, dize-o à igreja”* (v. 17). Igreja que é a comunidade dos discípulos. Jamais em todo ou em qualquer parte do Novo Testamento há a católica identificação de igreja com a hierarquia episcopal. Consoante o Novo Testamento, a igreja não se constitui numa casta dirigente ou grupo dominante. É ela, sim, a assembleia de todos os fiéis.

Nessa circunstância desagradável da recalcitração de um discípulo, o caso deve ser levado à igreja, ou seja, à assembleia dos discípulos.

**QUARTA** – *“E, se também recusar ouvir a igreja, considera-o como gentio e publicano”* (v.17).

É a igreja, assembleia dos discípulos, e não uma hierarquia, que elimina o pertinaz pecador.

b- As Sagradas Escrituras são completas! Nelas encontramos essas normas permanentes e universais e também nelas nos deparamos com um fato quando deveriam elas ser postas em prática.

Muitos anos depois de haver Jesus Cristo ditado esse roteiro, na igreja em Corinto, um cidadão se amancebou com a madrasta.

Paulo Apóstolo em I Coríntios 5.1-5 recrimina asperamente aqueles discípulos pela tolerância que os tornara cúmplices.

Dada sua estreita ligação com aquela Igreja, exorta-a: *“Em Nome do nosso Senhor Jesus, CONGREGADOS vós e o meu espírito, pelo Poder de nosso Senhor Jesus, seja entregue a Satanás para destruição da carne, para que o espírito seja salvo no dia do Senhor Jesus”* (v.5),

A propósito, destaquei em versais o termo CONGREGADOS. Paulo, em sendo Apóstolo (I Coríntios 1.1), não se apresentou com as credenciais de



hierarca. Como de seu dever e na qualidade de órgão da Revelação Divina exatamente por ser Apóstolo, repreendeu a igreja pelo seu desleixo e a incentivou a tomar a medida apropriada. Entregou, todavia, a decisão e a ação à igreja, isto é, à congregação dos discípulos: “*CONGREGADOS VÓS...*”

Ele, Paulo, pessoalmente e sozinho, não agiu como se fosse possuidor de um poder hierárquico ou de uma jurisdição governamental judiciária e coercitiva. Atribuiu, sim, à congregação a deliberação da eliminação do recalcitrante pecador amancebado com a sua própria madrasta.

Encontramos outro exemplo do exercício das normas estabelecidas pelo Mestre quando Paulo à igreja em Roma recomendou: “*Rogo-vos, irmãos, que noteis os que promovem dissensões e escândalos contra a Doutrina que aprendestes; desviái-vos deles*” (Romanos 16.17).

E ainda quando a igreja em Tessalônica exorta: “*Mando-vos, irmãos, em Nome do Senhor Jesus Cristo, que vos aparteis de todo o irmão que anda desordenadamente, e não segundo a tradição que de nós recebestes*” (II Tessalonicenses 3.6).

Dirige-se o Apóstolo aos irmãos, à igreja, sem reconhecer a presença de qualquer hierarquia.

Em sua Epístola à igreja em Roma omite qualquer alusão a Pedro, por ignorar, em consequência de inexistir, qualquer primazia deste discípulo.

c- Na perícopre de Mateus 18.15-20 discorre Jesus Cristo tendo em mente TODOS os discípulos de todos os tempos e por isso estabelece normas permanentes e universais.

No caso da eliminação pela igreja (e não por uma classe dirigente) de um dos seus membros, essa deliberação da igreja toda, será ratificada no Céu que o considera desligado da igreja (v. 18).

Jesus menciona TODOS os discípulos e não se restringe apenas aos Apóstolos, haja vista a Sua declaração de evidente âmbito geral, extensivo a TODOS eles: “*Se dois de vós na terra concordarem acerca de qualquer coisa que pedirem, isso lhes será feito por Meu Pai, que está nos Céus. Pois onde se acham dois ou três reunidos em Meu Nome, aí estou Eu no meio deles*” (vv. 19-20).

d- Previnamo-nos e nos precatemos diante de um outro possível artifício oriundo da igreja da hierarquia!

De conformidade com Marcos 9.35, na oportunidade desses ensinamentos, Jesus Cristo falava somente aos Doze.

Está muito bem! Tratava apenas com os Doze Apóstolos juntos de Si aglomerados. E daí?

Nesse caso os Seus Ensinamentos foram endereçados exclusivamente a eles? Somente eles, como grupo dirigente, deveriam exercitá-los?

Esta conclusão, como querem os catolicólogos, é descabida. Todas as lições do Mestre à extensão de Mateus 18 se destinam a TODOS os discípulos de todos os tempos.

Aliás, o perdão deve ser exercitado indistintamente por TODOS conquanto haja Cristo, ao responder-lhe uma pergunta, falado somente a Pedro: *“Não te digo que até sete; mas até setenta vezes sete”* (v. 22).

Se fôssemos aceitar o sofisma da hierarquia, neste caso, os outros Apóstolos estariam eximidos da obrigação de perdoar, pois Pedro, açodado como sempre, foi quem perguntou a Jesus: *“Senhor, até quantas vezes, pecará meu irmão contra mim, e eu lhe hei de perdoar? Até sete?”*.

Ao que Jesus deu aquela resposta à questão pessoal de Simão.

3) – Em João 10.:1-16 o Bom Pastor é Jesus Cristo e não Pedro. E também não o conjunto dos Apóstolos.

Bom Pastor que serve o rebanho. Conduz o rebanho indo à frente dele. À frente para defendê-lo dos ataques do lobo.

Servindo o rebanho, o Bom Pastor dá a Sua Vida pelas ovelhas.

Na magnífica e terna metáfora do pastor, é evidente, não há qualquer vestígio de distinção entre superiores e fiéis na igreja de Deus.

Concluir por essa diferença com a presença de um grupo hierárquico, é exorbitar dos Ensinos de Jesus Cristo.

Em Atos dos Apóstolos, outrossim, nunca vislumbramos a constituição de uma casta governamental.

Ao contrário! Todos, Apóstolos, presbíteros, diáconos e discípulos, todos se nivelam no mesmo ambiente de comunhão fraternal, apesar das contingências originadas das limitações humanas.

a- Aludida pelo dogma artificial, a Escritura de Atos 2.41-47 diz precisamente o contrário das pretensões hierocráticas.

Ao invés de diferença entre superiores e súditos na comunidade eclesial de Jerusalém, *“os que criam estavam unidos e tinham tudo em comum”*. Repartiam o produto da venda de suas propriedades por TODOS, segundo a necessidade de cada um.

E UNÂNIMES TODOS, perseveravam.

b- Paulo e Barnabé pregaram em Antioquia da Pisídia. *“Os gentios, ouvindo..., alegravam-se e glorificavam a Palavra do Senhor; e creram”* (Atos 13.48).

Eis aí! Paulo era Apóstolo. Barnabé não. Ambos, porém, em sendo discípulos, em idêntico nível de igualdade, pregavam, pois também quanto ao múnus magisterial a responsabilidade é, indistintamente, de todos os discípulos. Assim entendeu Filipe quando sozinho, sem ser mandado por nenhum Apóstolo, foi anunciar o Evangelho em Samaria. Assim enten-

deram os discípulos dispersos por causa das perseguições. Sem serem mandados pelos Apóstolos, que permaneceram recolhidos em Jerusalém. Dispersos foram os discípulos para as regiões da Judeia e da Samaria (8.1), passaram até a Fenícia, Chipre e Antioquia (11.19).

Releva notar ainda que não foram os Apóstolos a enviar Barnabé a Antioquia. Quem o enviou no intuito de conferir as notícias com a realidade dos fatos, foi a igreja em Jerusalém. A igreja: a congregação dos discípulos (11.22).

c- Nem mesmo os milagres eram atribuição restrita dos Apóstolos, não obstante Atos 2.43 informar que *“muitos prodígios e sinais eram feitos pelos Apóstolos”*.

Sem serem feitos só por eles porque outros discípulos também os operavam, como Filipe em Samaria (Atos 8.6) e Estêvão a causar admiração entre o povo (Atos 6.8).

d- A sofismática romanista, no seu empenho de confundir as mentes com a aparência de fundamentar nas Escrituras o seu aberrante dogma hierarquiólatra, invoca ainda Atos 14.22. Após haverem anunciado o Evangelho em Derbe, Paulo e Barnabé voltaram a Listra, Icônio e Antioquia, *“confirmando as almas dos discípulos, exortando-os a perseverar na fé...”*

Onde aqui o exercício de uma jurisdição? O trabalho missionário porventura implica em algum poder autocrático?

O fato de haverem os dois servos de Deus orientado cada igreja dessas regiões a elegerem seus respectivos pastores (Atos 14.:23), evidentemente, não exige o reconhecimento de alguma hierarquia.

Este versículo, de resto, prova com clareza a norma das igrejas até na eleição dos seus pastores que não são impostos pela nomeação de hierarca algum.

e- Atos 15 culmina a demonstração cabal do exercício da democracia fraternal entre os crentes primitivos. Relata ele a assembleia de Jerusalém destinada a examinar o assunto melindroso das incursões em Antioquia por parte dos fariseus que tinham crido e que exigiam, além da fé em Cristo, obras da Lei, para a salvação do pecador.

Paulo e Barnabé resistiram-nos com contendas e acaloradas discussões. Os *“irmãos resolveram que Paulo e Barnabé e mais alguns dentre eles subissem a Jerusalém”* (v. 2).

Note-se! A igreja em Antioquia foi que os enviou. Em sendo Paulo um Apóstolo nem assim fora ele quem decidira essa medida.

Em Jerusalém foram recebidos pela igreja, e pelos Apóstolos e pelos presbíteros (v.4).

Dos longos e disputados debates participaram os Apóstolos, os presbíteros (v. 6) e também *"toda a multidão"* (v. 12).

A decisão da escolha de homens idôneos como emissários a Antioquia e os termos da carta a ser remetida foi da alçada de toda a assembleia composta de todos sem qualquer distinção de categoria clerical (vv. 22-23).

Redigida a carta pela comissão eleita *ad hoc*, os portadores dela, Judas e Silas, desceram a Antioquia e entregaram-na à assembleia ou igreja reunida (v. 30).

f- Os itens anteriores respondem também o artifício engendrado com o recurso ilícito da referência de Atos 18.22 e 20.17.

O fato de haver Paulo mandado chamar os presbíteros de Éfeso a fim de despedir-se deles, significa apenas o seu reconhecimento da responsabilidade do presbítero para com o seu rebanho.

g- Pela Mente de Jesus Cristo jamais passou a ideia de estabelecer um colégio hierárquico no governo dos Seus discípulos. Entre estes, isto sim, mister se faz o predomínio da completa igualdade de posições.

Os Doze nutriam a veleidade de se consagrarem em classe dirigente. Em certa viagem a Cafarnaum, incontinentes nessa sofreguidão, disputavam eles acerca dessa primazia.

*"Que estáveis discutindo pelo caminho?"*, perguntou-lhes o Mestre (Marcos 9.33).

Confusos, eles se calaram porque pelo caminho *"havia discutido entre si qual deles era o maior"* (v. 34).

*"E Jesus, chamando uma criança, colocou-a no meio deles, e disse: Em verdade vos digo que se não vos converterdes e não vos fizerdes como criança, de modo algum entrareis no Reino dos Céus. Portanto, quem se tornar humilde como esta criança, esse é o maior no Reino dos Céus"* (Mateus 18. 2-4).

Doutra feita os Apóstolos proibiram, pelo motivo de não fazer ele parte do grupo dos Doze, um homem de, em Nome de Jesus, expulsar demônios. Retrucou-lhes Jesus: *"Não lho proibais; porque quem não é contra vós é por vós"* (Lucas 9.49-50).

Discorrera o Mestre sobre a Sua Paixão, Morte e Ressurreição, quando, aproximando-se dEle e ajoelhando-se, a mãe dos filhos de Zebedeu (Tiago e João), fez-Lhe um pedido: *"Concede que estes meus dois filhos se assentem, um à Tua Direita e outro à Tua Esquerda, no Teu Reino"* (Mateus 20.21). *"E ouvindo isso os Dez, indignaram-se contra os Dois irmãos"* (v. 24).

Note-se essa indignação sintomática.

À ficção ambiciosa da mãe interesseira Jesus argui: *“Não sabeis o que pedis...”* (v. 22).

E aos discípulos elucidou: *“Sabeis que os governadores dos gentios os dominam, e os grandes exercem autoridade sobre eles. Não será assim entre vós; antes, qualquer que entre vós quiser tornar-se grande, será esse o que vos sirva; e qualquer que entre vós quiser ser o primeiro, será vosso servo”* (vv. 26-27).

Até durante a celebração da derradeira ceia pascal altercaram os obtusos discípulos sobre quem lhes parecia ser o maior. Repele-lhes outra vez Jesus com expressões mais ou menos semelhantes a essas, a volúpia de mando, de jurisdição (Lucas 22.24-30).

Impossível maior clareza a fulminar a cobiça dos Apóstolos.

O pronunciamento categórico de Jesus Cristo contraria por inteiro o arraçoado da dogmática romanista.

Só esta palavra cristalina e afirmativa do Mestre expõe ao ridículo a soberba da hierocracia católica e exhibe a mentira da apregoada autoridade do seu hierofante, o “papa”, sempre cercado de honrarias e sempre a manipular o arbítrio na prepotência sobre as almas e sobre a política do mundo.

h- A admitir-se a tese hierocrática dos enfatuados catolicólogos sobre a preeminência jurídica da hierarquia episcopal em cujo vértice se posta a primazia soberana do “papa”, na sonhada ideia de ser ele o sucessor de Pedro, a acreditar-se nessa tese hierocrática, como concordar com o mesmo Pedro, o suposto primeiro “papa”?

Ou se há de aceitar a tese católica e rejeitar-se a Palavra de Deus na pena do próprio Pedro, ou se há de admitir esta, recusando a tese hierarquiólatra.

Escreveu o Apóstolo: *“Aos presbíteros, pois, que há entre vós, rogo eu, que sou presbítero com eles e testemunha dos sofrimentos de Cristo, e participante da Glória que se há de revelar: apascentai o rebanho de Deus, que está entre vós, não por força, mas espontaneamente segundo a Vontade de Deus; nem por torpe ganância mas de boa vontade; nem como dominadores sobre os que vos foram confiados, mas servindo de exemplo ao rebanho”* (I Pedro 5.1-3).

Como simples presbítero, nivelado em igualdade com os demais presbíteros, exorta os companheiros de presbiterado a que apascentem o rebanho de Deus **“NÃO POR FORÇA, MAS ESPONTANEAMENTE. NEM COMO DOMINADORES”** como se fossem um grupo dominante ou uma classe dirigente.

O serviço do pastorado, em contrapartida, é o do exemplo ao rebanho. Somente nele se destaca a humilde primazia moral do presbítero!

.oOo.

## **DUAS PERGUNTAS AO CONCÍLIO VATICANO II**

**Q**uem sou eu para levantar qualquer questão ao Concílio Ecumênico Vaticano II! Aos seus 2.500 bispos precedidos pela soberania invulgar do sumo-pontífice!

Quem sou eu?

Simple servo de Jesus Cristo. E nesta condição, desprovido das honrarias do mundo conferidas aos magnatas da fé romani zada.

Quem sou eu?

Simple servo de Jesus Cristo posto no serviço da Legítima Autoridade das Escrituras Sagradas, a Palavra Santa, Infalível e Inerrante de Deus.

Investido deste múnus de servir a Palavra da Verdade, a ela me agarro como minha invencível clava e sob ela, inexpugnável fortaleza, me abrigo.

Do lado de lá os hierarcas. De cá posto-me eu!

Do lado de lá, a ostentação, o arbítrio, a prepotência, a arrogância, o embuste, a adulteração da Verdade. Do lado de cá, com humildade e com a ousadia característica do discípulo convicto da Verdade a que serve, disponho-me à batalha, absolutamente seguro do triunfo da Verdade.

## **A MÁXIMA PRODUÇÃO DO VATICANO II**

Em sua terceira sessão (de 14 de Setembro a 21 de Novembro de 1964), a mais importante pelos documentos produzidos e pelas decisões tomadas, o Concílio Ecumênico Vaticano II elaborou a *CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LUMEN GENTIUM* (por nós designada nestas páginas pelas siglas LG). É um tratado sob a perspectiva romanista acerca da IGREJA.

Essa sessão se tornou a mais celebrada por haver nela a "igreja" se contemplado a si mesma, segundo a afirmação de Paulo VI ao instalá-la.

## **NENHUMA INOVAÇÃO**

Conquanto haja o Concílio Ecumênico Vaticano II se proposto a inovar e renovar a "igreja" num profundo *aggiornamento*, nada inovou e nada renovou em sua dogmática.

Consoante suas próprias definições os seus dogmas são irrasuráveis.

A LG, o ponto alto dos trabalhos e definições conciliares, simplesmente confirma e ratifica a velha eclesiologia romanizada, revivescência das ideias e sentimentos do antigo império latino.

Nesse sentido Paulo VI, ao encerrar essa terceira sessão, o útero produtor da LG, sublinhou: "esta promulgação verdadeiramente não muda coisa alguma à doutrina tradicional... O que a Igreja por séculos ensinou, ensinamo-lo igualmente".

## **A NATUREZA DA "IGREJA"**

O aplaudido documento eclesiológico elaborado pelos 2.500 antístites agrupados em concílio ecumênico, confirma a NATUREZA DA "IGREJA" de acordo com a velha e constantiniana conceituação imperialista do catolicismo: Jesus Cristo "quis que os sucessores dos Apóstolos, isto é, os bispos, fossem em Sua igreja pastores até à consumação dos séculos. E, para que o próprio episcopado fosse uno e indiviso prepos aos demais Apóstolos o bem-aventurado Pedro e nele instituiu o perpétuo e visível princípio e fundamento da unidade de fé e comunhão (...). O Sagrado Sinodo... continuando na mesma iniciativa, resolveu declarar e professar diante de todos a doutrina sobre os bispos, sucessores dos Apóstolos que, junto com o sucessor de Pedro, vigário de Cristo e cabeça visível de toda a Igreja, regem a casa de Deus Vivo" (§18).

Eis aí sem reboços ratificada a hierarquização da "igreja" regida ou governada por uma casta episcopal.

## **O VÍCIO PERTINAZ**

O clero católico é viciado esgrimidor de fórmulas sofisticadas. Na sua teologia, criminosa urdidura de falsificações, esparrama citações bíblicas na ambição de justificar com a Palavra de Deus a sua impostura.

A LG também cobiça lastrear com as Escrituras o seu dogma antibíblico. Nesse intento assegura haver Jesus Cristo chamado a Si e constituído os Doze para que ficassem com Ele e para enviá-los a pregar o Reino de Deus (Marcos 3:13-19; Mateus 10:1-42).

Instituiu estes Apóstolos (Lc.6:13) "à maneira de COLÉGIO ou GRUPO estável", sobre o qual estabeleceu Pedro como chefe (João 21:15-17).

Enviou-os primeiro aos filhos de Israel e depois a todos os povos (Rm.1:16) com a missão de fazer discípulos de todos os povos, "santificando-os e governando-os (Mateus 28:16-20; Marcos 16:15; Lucas 24:45-48; João 20:21-23).

Sua missão de apascentar o rebanho se estende até à consumação dos séculos (Mateus 28:20), e nessa missão confirmados no Pentecostes (Atos 2:1-26), segundo a própria Promessa de Jesus em Atos 1:8.

Essa incumbência, outrossim, durará até ao fim dos séculos (Mateus 28:20). "POR ESTA RAZÃO OS APÓSTOLOS CUIDARAM DE INSTITUIR SUCESSORES NESTA SOCIEDADE HIERARQUICAMENTE ORGANIZADA" (§ 20)

## **NOSSO PROPÓSITO**

Ao enfoque das Sagradas Escrituras examinemos a argumentação do Vaticano II.

De fato Jesus, conforme Marcos 3:13-19; Mateus 10:1-42 e também Lucas 6:12-16, chamou a Si os Doze e os constituiu Apóstolos. Todavia é falsa a afirmação de haver o Mestre em João 21:15-17 estabelecido Pedro como chefe do grupo, outorgando-lhe, como quer a teologia católica, o primado de jurisdição. Em meu livro *PEDRO NUNCA FOI PAPA! NEM O PAPA É VIGÁRIO DE CRISTO*, detidamente analiso o assunto reduzindo a nada a pretensão do supremo hierarca romanista.

É, outrossim, verdadeiro o fato de haver Jesus Cristo atribuído aos Doze a missão de pregar o Evangelho a todos os povos de conformidade com o registro de Mateus 28:16-20, Marcos 16:15 e Lucas 24:45-48.

Agora, porém, duas perguntas. Perguntas pertinentes para quem, com sinceridade, deseja esclarecer-se. Perguntas, contudo, impertinentes para a sofismática hierarquiolatra:

## **PRIMEIRA PERGUNTA**



Nosso Senhor Jesus Cristo responsabilizou apenas os Onze de pregar o Evangelho a toda criatura?

Mateus 28:16-20 anota apenas a presença dos Onze (Judas Iscariotes suicidara-se) no instante da Ascensão quando Jesus os investiu da Grande Comissão.

Marcos 16:14-18 registra a mesma incumbência dada aos Onze na tarde do dia da Ressurreição, ocasião em que Jesus lhes lançou em rosto a sua incredulidade e dureza de coração. A mesma Grande Comissão entregue especificamente aos Onze na tarde do dia da Ressurreição e no instante da Ascensão. Portanto, em ocasiões diferentes, mas para os mesmos Onze.

Atos 1 também anota a Ascensão e após enfileirar os nomes dos Onze no v. 14.

A presença dos Onze destacada por Mateus e Marcos no momento solene da Ascensão, no entanto, não exclui a presença de muitas outras pessoas. Aliás, depois de elencar os nomes dos Onze, Atos 1:14 inclui as mulheres que O haviam seguido desde a Galileia e presentes no Calvário e no Seu Sepultamento (Lucas 23:49, 55). As mulheres, Maria Madalena, e Joana, e Maria mãe de Tiago; também as outras que estavam com elas, todas elas que relataram aos Apóstolos a Ressurreição (Lucas 24:10). Maria, mãe de Jesus, é igualmente mencionada nominalmente em Atos 1:14. E lá se achavam "*os irmãos dEle*". O grupo dos discípulos, de resto, alcançava o número de 120 pessoas (Atos 1:15). A Ascensão do Senhor fora presenciada por muitas outras pessoas, além dos Onze. A Grande Comissão atinge indistintamente a todos os discípulos.

Com efeito, Jesus determinou a pregação do Evangelho na tarde do Domingo da Ressurreição quando apareceu aos Onze e aos "*que estavam com eles*" (Lc.24:33). Lucas, no registro da experiência dos discípulos de Emaús, afirma terem regressado os dois a Jerusalém e relatado aos Onze reunidos o seu encontro com Jesus.

A Grande Comissão, por conseguinte, proferida por Jesus Cristo nessa gloriosa tarde, atingiu, além dos Onze, os "*que estavam com eles*" e os dois caminantes de Emaús.

Há mais! Designou o Senhor outros Setenta Discípulos e os enviou adiante de Si, de dois em dois, a todas as cidades e lugares "*aonde Ele havia de ir*" (Lucas 10:1) com a missão de anunciar a chegada do Reino de Deus (Lucas 10:11).

Em Atos dos Apóstolos salientam-se pregadores do Evangelho, alheios ao círculo dos Onze. Estêvão, de palavra irresistível, é um deles. Filipe, a

pregar a Cristo na Samaria é outro. E tantos outros dispersos pelas regiões da Judeia e da Samaria (Atos 8:1).

Eis, de novo, a minha pergunta aos senhores 2.500 hierarcas constantinianos: Apenas os Onze foram responsabilizados de pregar o Evangelho?

## **SEGUNDA PERGUNTA**

A LG assegura haver Jesus Cristo determinado aos Apóstolos a responsabilidade de fazer discípulos, "*santificando-os e GOVERNANDO-OS*" (as versais são minhas). E fundamenta sua propositura em Mateus 28:16-20; Lucas 24: 45-48; Marcos 16:15; João 20:21-23.

Onde nesses Textos o estabelecimento desse governo?

Leiam-nos! Em nenhum deles, por mais ingentes esforços empreendidos, encontrar-se-á qualquer indício da investidura de qualquer autoridade para reger os discípulos.

Em capítulo anterior analisamos longamente esse assunto.

A conclusão da LG em prol do revestimento do "sagrado poder" para os Apóstolos é exagerada, forçada, irreal.

A besta-religiosa sabe torcer com seus sofismas os Registros das Escrituras para enganar todos os habitantes da terra. Cumpre sua tenebrosa vocação de sustentar a IMAGEM DA BESTA imperial.

.oOo.

# **A SUCESSÃO APOSTÓLICA DOS "BISPOS"**

**Acho uma graça infinita!** E nem sei explicar o porquê da simpatia por parte de certos "evangélicos" para com o romanismo. Basta um pum! mais forte do Vaticano e lá estão eles a ver algo de bom nos hierocratas.

Foi João XXIII falar em concílio ecumênico para um *aggiornamento* e um retorno às fontes (?) e lá esses "evangélicos" sonharam com um neocatolicismo a se voltar à Bíblia.

João XXIII e Paulo VI, os convocadores e presidentes do universal certame prelatício, sempre e à saciedade repetiram sustentar e conservar o Concílio Ecumênico Vaticano II a tradicional dogmática romana. A isto os certos "evangélicos" (sem ser certos) fizeram ouvidos de mercador.

O *aggiornamento* sem renúncia de qualquer dogma, se reduziu simplesmente à adaptação do clero às atuais conjunturas sócio-políticas do mundo com a adoção de manobras e táticas consentâneas com essas circunstâncias.

Tudo quanto a LG disse no tocante à sucessão apostólica dos "bispos" eu já aprendera ao tempo de seminarista católico nos antigos alfarrábios da velha dogmática: *Christus voluit, ut et Petrus et collegium apostolorum in removere suo ordinario haberent successores perpetuos* (= "Cristo quis que não só Pedro mas também o colégio apostólico tivessem, em suas funções normais, sucessores perpétuos").

Os tratados de eclesiologia romana, pressupondo a Promessa da permanente Presença de Cristo com os discípulos até à consumação dos séculos (Mateus 28:19-20) sofismam que, se os "bispos" não fossem os legítimos sucessores dos Apóstolos, a Igreja, fundada por Cristo, ter-se-ia, com a morte dos Apóstolos, perecido logo após a Ascensão e Cristo deixaria de estar entre os discípulos.

Portanto, concluem aqueles alfarrábios, a Promessa de Cristo se estende a outros homens, nos quais os Apóstolos sobrevivem moralmente. E esses homens são os "bispos".

A eclesiologia hierocrática entende por SUCESSÃO APOSTÓLICA "a substituição pública, legítima e nunca interrompida das pessoas no lugar dos Apóstolos (= *publica, legitima et numquam interrupta personarum in locum Apostolorum substitutio*).

Os catolicólogos, é verdade, não veem em cada "bispo" em particular o sucessor de um determinado Apóstolo, como, por exemplo, o "bispo" Conegundes, sucessor em linha direta do Apóstolo Mateus.

Esta sucessão DIRETA só ocorre num único caso: no do romano pontífice por ser ele no bispado de Roma o sucessor direto de Pedro.

Os "bispos" são os sucessores dos Apóstolos como colégio de "bispos" a continuar o colégio dos Apóstolos; ou o episcopado a conservar o apostolado.

A "missão divina confiada por Cristo aos Apóstolos deverá durar até ao fim dos séculos (cf. Mateus 28:20)", anuncia no § 20 a LG em sua sôfrega cobiça de dogmatizar uma consequência: "POR ESTA RAZÃO OS APÓSTOLOS CUIDARAM DE INSTITUIR SUCESSORES NESTA SOCIEDADE HIERARQUICAMENTE ORDENADA" (*Qua- propter Apostoli, in hac societate hierarohioe orāinata, de inat-ituendis suaecessin.bus ouram egement*).

Falha pela base a propositura vaticanista porquanto já vimos recair a Grande Comissão igualmente sobre todos os discípulos.

A LG no sulco do artifício tradicional do romanismo quer ver no trabalho dos discípulos primitivos o início da sucessão apostólica transmitida pelos Apóstolos mediante "a ordenação, a fim de que, quando eles morressem outros homens íntegros tomassem o seu ministério. E esses homens íntegros, constituídos no episcopado, conservam a semente apostólica por uma sucessão que vem ininterrupta desde o começo".

A LG em seu § 21, depois de aludir à efusão do Espírito Santo sobre os Apóstolos (Atos 1:8; 2:4; João 20:22,23), sentencia: "E eles mesmos transmitiram aos seus colaboradores mediante a imposição das mãos este dom espiritual (cf. I Timóteo 4:13; II Timóteo 1:6-7), que chegou até nós pela sagração episcopal".

Aqueles homens íntegros constituídos no episcopado católico?

Qual prova nas Escrituras dessa assertiva?

1- Naquele tempo presbíteros e bispos eram vocábulos sinônimos. E até os fins do século II desconheceu-se qualquer episcopado separado do presbiterado.

Os presbíteros eram escolhidos democraticamente pelas Igrejas e não nomeados à revelia da comunidade eclesial pelos Apóstolos.

Quando Paulo Apóstolo retornou a Listra, Icônio e Antioquia "*confirmando as almas dos discípulos, exortando-os a perseverarem na fé... e, havendo-lhes feito eleger Presbíteros em cada Igreja e orado com jejuns, os encomendaram ao Senhor em Quem haviam crido*" (Atos 14:22-23).

O verbo eleger em seu sentido original significa "escolher" ou "votar levantando as mãos".

Frise-se! Cada Igreja daquela região, orientada pelo Apóstolo ELEGIA OS SEUS PASTORES (= presbíteros, bispos).

E à luz desta recomendação apostólica que se há de entender a insistência de Paulo a Tito por ele deixado em Creta para que, consoante

lhe diz: *"pusesses em boa ordem o que ainda não o está, e que em cada cidade estabelecesses presbíteros, como já te mandei"* (Tito 1:5).

Agora há pouco ouvi um Pastor a relatar lances do seu trabalho numa cidade do Interior e dizer: *construí um templo para 500 pessoas.*

É uma maneira habitual de se expressar, mas verdade, quem construiu o edifício foram todos os crentes membros daquela Igreja com as suas ofertas suficientes para os gastos com o material e a mão de obra.

É evidente Tito reconhecer sua incumbência de orientar as Igrejas de Creta no sentido de elas mesmas, democraticamente, e atendendo as qualificações morais e espirituais dos candidatos nos versículos seguintes enfileirados, elegerem seus Pastores.

2)- Apóstolos estabeleceram o sucessor de Judas Iscariotes? Se o houvessem estabelecido ou eleito, então, seria essa passagem um argumento decisivo para a cobiça vaticanista.

Abro, contudo, Atos dos Apóstolos. Logo no primeiro capítulo deparo-me com os Onze reunidos no Cenáculo. Participam desse grupo as mulheres que serviam a Jesus em Seu Ministério, que sob a cruz no Gólgota se quedaram e que, por primeiro, O contemplaram na Glória da Ressurreição. Maria, mãe de Jesus, também integra a assembleia. Ali estão os Seus irmãos (v. 14). É o Registro Sacro e completo e metucioso ao notificar: *"Sendo o número de pessoas ali reunidas cerca de 120"* (v. 15).

Ouçõ Pedro a discorrer. Em breves frases rememora a traição do Iscariotes e o suicídio dele. Lembra, invocando o Salmo 109:8, a necessidade de que outro lhe tome o ministério. E propõe a indispensável condição que haja o candidato conhecido pessoalmente a Jesus Cristo por tê-10 acompanhado em Seu Ministério Público, porquanto, eis a missão precípua do Apóstolo: há de ser testemunha da Sua Ressurreição (vv. 21, 22).

Pedro simplesmente apresentou uma situação, carente de adequada solução, pois o Colégio Apostólico deveria se compor de Doze e não seria razoável e nem digno para os Onze aquela lacuna consequente da ausência do traidor.

*"E apresentaram dois: José, chamado Barsabás... e Matias"* (v. 23). A comunidade, e não Pedro, nem um dos outros Apóstolos e nem os Onze em conjunto, mas a comunidade dos discípulos apresentou os dois candidatos.

Matias, eleito *"POR VOTO COMUM"* foi ele contado com os Onze Apóstolos (v. 26).

Onde a hierarquia, onde a jurisdição dos Apóstolos naquela comunidade eclesial?

Sem qualquer hierarquia aquela comunidade se regia fraternalmente por normas democráticas.

Os Apóstolos presentes constituíram o sucessor de Judas Iscariotes?

Os irmãos por "*VOTO COMUM*", sim, contaram Matias entre os Doze.

3) - Deus porventura aceitou semelhante escolha?

Jamais Matias é mencionado em qualquer outra parte do Novo Testamento.

Os desígnios de Deus foram diversos dos de Pedro que levava os discípulos àquela eleição. Pedro é sempre o precipitado!

Saulo de Tarso é o vaso escolhido para, como Seu Apóstolo Legítimo, "*levar o Seu Nome aos gentios, aos reis e aos filhos de Israel*" (id. 9:14) e ser testemunha de Jesus para com todos os homens daquilo que viu e ouviu (id. 22:15).

Paulo, "*chamado para ser Apóstolo*" (Romanos 1:1; I Coríntios 1:1). "*Apóstolo de Cristo Jesus pela Vontade de Deus*" (II Coríntios 1: 1; Efésios 1:1; Colossenses 1:1; II Timóteo 1:1), Paulo começa, com exceção de Filipenses, I e II Tessalonicenses e Filemon, todas as suas Epístolas invocando seu múnus apostólico a confirmar com insistência a legitimidade do seu apostolado.

Em Gálatas 1:1 ele reivindica a sua autêntica procedência: "*Paulo, Apóstolo (não da parte dos homens, nem por intermédio de homem algum, mas sim por Jesus Cristo, e por Deus Pai, que O ressuscitou dentre os mortos)*". O teor de sua prédica é o Evangelho Legítimo recebido por revelação de Jesus Cristo (1:11, 12; Atos 20:24).

4)- Se o regime democrático das Igrejas do Novo Testamento, se o desenrolar da eleição de Matias e se a escolha direta de Paulo Apóstolo destroem as pretensões da hierarquia romanista, falta-lhe, outrossim, sentido para a sucessibilidade apostólica do seu episcopado a invocação da Promessa de Jesus Cristo quanto ao permanecer Ele com os Seus discípulos até a consumação dos séculos (Mateus 28:20).

Com efeito, qualquer um se torna discípulo de Cristo mediante a conversão evangélica. Convertendo-se tem em si o Espírito Santo e por Este é selado porque, "*se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dEle*" (Romanos 8:9). O Espírito Santo é o Espírito do próprio Jesus. Os convertidos são os "*santificados em Cristo Jesus*" (I Coríntios 1:2). Contam eles sempre e sempre com a Presença do Senhor. Presença essa especialíssima quando dois ou três se reúnem em Nome dEle (Mateus 18:20).

Entre Jesus Cristo e Seus discípulos jamais se interporá qualquer hierarquia episcopal, qualquer classe dominante. E isso não ocorrerá nem para a pregação do Evangelho.

A Grande Comissão foi estabelecida por Jesus Cristo aos Apóstolos e, indistintamente, a todos os discípulos na sua condição de membros de Igreja. As Igrejas de Cristo que se difundem pelo mundo inteiro a pregar, a ensinar, a batizar e a fazer discípulos, sempre contando com aquela Assistência Presencial do Senhor por Ele garantida.

5)- Consoante as pretensões da igreja da hierarquia, o episcopado, procedendo do Colégio Apostólico, se estende ao longo do tempo mediante a sucessão histórica ininterrupta. Ou seja, os "bispos" vão ininterruptamente ordenando outros "bispos", seus sucessores, eleitos pelo "papa", o vigário de Cristo.

Esta sagração confere-lhes o poder de santificar os fiéis pelos "sacramentos", sobretudo com a atribuição de consagrar, oferecer e administrar o Corpo e Sangue de Cristo no "sacramento" da eucaristia e com o dom de absolver ou perdoar os pecados no "sacramento" da penitência.

A ordenação ilegítima impede essa sucessão apostólica e impede a transmissão desse poder de santificar por meio dos "sacramentos".

Por conseguinte, se alguém for ordenado ilicitamente ou a sua ordenação for inválida, não será "bispo" ou sucessor dos Apóstolos, sua missa é nula, sua eucaristia de nada vale, sua absolvição é inútil.

Outras sérias e irremovíveis objeções se erguem contra essa ambição da histórica e ininterrupta sucessão apostólica dos "bispos":

a-Esses poderes episcopais de ordem sacramental como o da eucaristia, da missa e o da penitência jamais foram conferidos aos Apóstolos e nem têm sido transmitidos através dos séculos a partir dos Tempos Apostólicos.

b- Nada dizem as Sagradas Escrituras acerca de semelhante sucessão pretendida pelos catolicólogos. Nem a mencionam como necessária para um ministério válido. É evidente, evidentíssimo, terem as Escrituras tratado com destaque e clareza da sucessão apostólica se de fato Cristo a houvesse estabelecido por necessária.

Aliás, o teólogo católico A.M.Javierre, em seu estudo *LE THÈME DE LA SUCCESSION DES APÔTRES DANS LA LITTÉRATURE CHRÉTIENNE PRIMITIVE* nega a possibilidade de se encontrar no Novo Testamento qualquer base favorável à sucessão apostólica dos "bispos". Admite seus vislumbres a partir de Clemente Romano em sua carta *Ad Corintios* desenvolvidos na patrística.

c- A admitir-se, outrossim, a hipótese católica dessa sucessão, seria hoje impossível a presença de um ministério válido porquanto não se prova a sucessão histórica das ordenações a partir dos Apóstolos em nenhum caso individual.

Os próprios hierarcas o reconhecem e por isso admitem a sucessão dos "bispos" como um conjunto procedente do Colégio Apostólico e não de cada Apóstolo individualmente. Nenhum "bispo" tem a veleidade de se apresentar como sucessor direto de determinado Apóstolo. Somente o "bispo" de Roma, o sumo pontífice romano, anela ser o sucessor de Pedro, ambição essa contestada pela Bíblia, pela arqueologia, pela razão e pela História. (Ver sobre este assunto os meus livros: *PEDRO NUNCA FOI PAPA! NEM O PAPA É VIGÁRIO DE CRISTO* e *CARTAS AO "PAPA" JOÃO PAULO II*, ambos de minha autoria).

d- Algumas circunstâncias condicionaram a escolha dos Apóstolos e o exercício do seu múnus, como observamos em capítulo precedente ao estudarmos a Eclesiologia do Novo Testamento.

Os "bispos" católicos não desfrutam dessas circunstâncias e nem o exercício de suas atribuições confere com as dos Apóstolos.

Estes, à semelhança do número das tribos de Israel, foram DOZE. Os "bispos" são milhares.

Os Apóstolos, sem qualquer mediação humana, receberam por instrução direta e pessoal de Jesus Cristo, o Evangelho. Os "bispos" nem têm o Evangelho Puro e do Evangelho nada entendem.

Os Apóstolos foram pessoal e diretamente comissionados por Cristo. Os "bispos" o são pelo "papa", que não é vigário de Cristo e muito menos o próprio Cristo.

Aos Apóstolos competia a inigualável missão de órgãos da Revelação Divina, tanto assim que, com a morte do último deles, encerrou-se o período oficial dessa Revelação, sendo o Apocalipse o livro-conclusão e arremate final das Escrituras Sagradas. Portanto, aos "bispos" não cabe esta atribuição de órgãos da Revelação. Sem este múnus por que o cargo ou o posto? Só para enfeite?

A missão específica dos Apóstolos era a de testemunhar Cristo RESSUSCITADO. Por isso viram-nO no esplendor da Sua Gloriosa Ressurreição. E os "bispos"? Viram-nO? São testemunhas dEle Ressuscitado? Impossível, pois não O viram!

O que os Apóstolos faziam os "bispos" não fazem porque são incapazes e inidôneos. E o que os "bispos" fazem os Apóstolos jamais fizeram porque é fruto de embuste.



Teimam eles em ser sucessores dos Apóstolos. Sucessores em quê? E para quê?

Jesus Cristo jamais estabeleceria uma inutilidade!

.oOo.

## A SAGRAÇÃO EPISCOPAL

**A** sucessão apostólica dos "bispos", consoante a teologia romanista, ocorre por meio da complicada cerimônia litúrgica da sagração episcopal cuja essência reside na imposição das mãos.

O Concílio Ecumênico Vaticano II consubstanciando a tradicional doutrina católico-romana, na LG assegura: "Para desempenhar ofícios tão excelsos (os de apascentar a Igreja), os Apóstolos foram enriquecidos por Cristo com especial efusão do Espírito Santo descendo sobre eles (cf. Atos 1:8; 2:4; João 20:22, 23). E eles mesmos transmitiram aos seus colaboradores MEDIANTE A IMPOSIÇÃO DAS MÃOS [o realce é meu] este dom especial (cf. I Timóteo 4:14; II Timóteo 1:6, 7), que che gou até nós pela sagração episcopal" (§2 1).

1) - Abramos as Sagradas Escrituras e confirmamos os Textos mencionados pelo magno documento do Vaticano II.

Leio-os!

Verifico o incontestável enriquecimento espiritual dos Apóstolos com a efusão ímpar do Espírito Santo. Porém enriquecimento esse RESTRITO aos Apóstolos? Somente os Apóstolos foram opulentados com a efusão especial do Espírito Santo?

Examino as aludidas Escrituras de Atos 1:8; 2:4.

Se ler apenas esses dois versículos isolados do restante do Registro e com a ideia preconcebida ou vaticano-guiada, sofrerei o risco de aceitar o artifício da LG.

Com efeito, no instante da Ascensão o Senhor garante aos Apóstolos: *"Mas recebereis poder ao descer sobre vós o Espírito Santo e ser-Me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém, como em toda a Judeia e Samaria, e até os confins da terra"* (Atos 1:8).

Dez dias após sobreveio o Espírito Santo prometido *"e TODOS ficaram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem"* (id. 2:4).

Circunscreveu-se a Promessa de Cristo apenas ao grupo dos Onze Apóstolos e os Onze somente ficaram cheios do Espírito Santo? Aquele *TODOS* de Atos 2:4 que destaquei em caixa alta abrange apenas os Apóstolos em número de onze?

Se lermos todo o relato do Evento, contudo, notaremos a presença de muitas outras pessoas, inclusive Maria mãe de Jesus, as mulheres servas do Salvador, os irmãos dEle (Atos 1:14). Ao todo cerca de 120 pessoas (v. 15).

Todas elas foram cheias do Espírito Santo.

O mesmo dom do Espírito Santo, como ocorreu no Pentecostes (Atos 11:15) desceu, enquanto Pedro pregava, sobre Cornélio de Cesareia, seus familiares e amigos mais íntimos (id. 10:24).

O mesmo dom do Espírito Santo! *"O mesmo dom que dera também a nós..."* (id. 11:17). *"... desceu sobre eles o Espírito Santo, como também sobre nós no princípio"* (v. 15). É Pedro a identificar o episódio da casa de Cornélio com o do dia do Pentecostes.

É evidente que Cornélio, seus familiares e seus mais chegados amigos, gentios todos, não foram com essa experiência sagrados "bispos" ou sucessores dos Apóstolos e nem constituídos Apóstolos. O fato prova e comprova a evidência de terem recebido da Magnífica Efluxão muitas outras pessoas, além dos Onze.

Essa Efluxão não se circunscreveu ao grupo apostólico como ambiciona a sofismática hierarquiólatra.

2) - A LG, em seu arrazoado, inclui o Texto de João 20: 22, 23. Trata-se de um Pronunciamento de Jesus Cristo quando de Sua Aparição na tarde do dia glorioso de Sua Ressurreição. Assoprando sobre os discípulos, disse-lhes: *"Recebei o Espírito Santo; àqueles a quem perdoardes os pecados, são Ihes perdoados; e àqueles a quem os retiverdes, são-lhes retidos"*.

Reuniram-se, por acaso, apenas os Apóstolos naquele lugar e naquela oportunidade?

Lucas anota o mesmo acontecimento e assegura que, além deles, encontravam-se lá outras pessoas, dentre as quais, os dois discípulos de Emaús (24:33, 35).

Os senhores prelados hierarquiôlatras, conquanto magnatas do mais truculento arbítrio religioso, são de uma desonestidade refinadíssima. Com o objetivo de ludibriar, mencionam as Escrituras. Se formos, como estamos procedendo, examiná-las observaremos o desplante deles em torcê-las e em omitir a real e completa informação da Palavra de Deus.

Ao lume das passagens pela LG arroladas observamos haver a especial efusão do Espírito Santo descido sobre os Apóstolos e também sobre outros muitos discípulos aos quais, sem quaisquer distinções, foi prometida e concedida.

Desmonta-se dessa maneira a premissa maior do argumento hierarquiôlatra. Em consequência, o arrazoado se demonstra insustentável e ruí por terra.

3 - Em sendo o nosso empenho, clava das Escrituras em punho, desmascarar totalmente o artifício, procedamos o exame da premissa menor da vaticanista fantasia.

Diz lá ela haver os Apóstolos transmitido aquela especial efusão do Espírito Santo aos seus colaboradores mediante a imposição das mãos. E no afã de justificar com as Escrituras seu falso raciocínio, menciona I Timóteo 4:14 e II Timóteo 1:6-7.

Nos dois versículos Paulo se refere à imposição de mãos sobre Timóteo, que de certo fora ordenado Presbítero, pois a distinção entre presbiterado e episcopado somente apareceu no século III.

No primeiro deles alude à imposição das mãos do presbitério e em II Timóteo 1:6-7 à imposição das mãos de Paulo. Infere-se a evidência da presença do Apóstolo como partícipe do presbitério que ordenara Timóteo ao ministério da Palavra de Deus. Não se trata, é claro, de uma transmissão de qualquer função hierárquica ou de jurisdição governamental sobre o rebanho dos fiéis.

Aliás, em todo o livro dos Atos, como, de resto, em todo o Epistolário do Novo Testamento, não encontramos nenhum Apóstolo a impor suas mãos sobre quem quer que seja a lhe transmitir a sucessão nos moldes pretendidos pelo romanismo.

Matias, ao assumir o lugar de Judas Iscariotes entre os Doze (Atos 1:22-26), não recebeu a imposição de mãos de nenhum Apóstolo.

Naquele tempo outrossim, *"o rei Herodes estendeu as mãos sobre alguns da Igreja, para os maltratar; e matou a espada Tiago, irmão de João"* (Atos 12:1-2). Pergunta-se quem foi o sucessor de Tiago?

Nem mesmo sobre Paulo nenhum Apóstolo impôs as mãos a lhe transferir o múnus de participar do grupo apostólico. Ananias fez-lhe esse gesto quando da recuperação de suas vistas (Atos 9:17-18). Encontramo-lo outra vez a receber esse sinal em companhia de Barnabé na Igreja em Antioquia, quando enviado aos campos missionários. Desta feita também com a ausência dos Apóstolos. E não consta que algum daqueles profetas e mestres dessa Igreja (Atos 13:1) houvesse recebido a sagração episcopal e a transmitido a Paulo. O próprio Apóstolo, com efeito, afirma com clareza não haver recebido o Apostolado *"da parte dos homens, nem por intermédio de homem algum, mas sim por Jesus Cristo"* (Gálatas 1:1).

4) - Afinada com a tradicional teologia hierocrática do catolicismo, afirma a LG que a sucessão apostólica dos "bispos" é-lhes transmitida mediante a imposição das mãos.

Esse gesto é de uso remotíssimo nas Escrituras, com duplo significado: o da consagração a um cargo e o da concessão de uma bênção especial.

Encontramo-lo em Israel a estender as mãos abençoando (Gênesis 48:14).

Em Números 8:9-10 há a determinação divina: *"Farás chegar os levitas perante a tenda da congregação; e ajuntarás toda a congregação dos filhos de Israel. Quando, pois, fizerdes chegar os levitas perante o Senhor, os filhos de Israel porão as mãos sobre eles"*. E assim recebiam eles o seu múnus.

Ao designar Josué sucessor imediato de Moisés, determinou: *"Toma a Josué, filho de Num, homem em quem há o espírito, e impõe-lhe a mão"* (Números 7:18).

A investidura pública dos oficiais da Igreja (Presbíteros e Diáconos) é claramente consignada nas Escrituras, (Atos 6:1-6-, 13:1-3; I Timóteo 4:14; 5:22) sem ser a fonte última da capacitação ministerial.

Esta capacitação ocorre com o chamado ou vocação do Espírito Santo e a ordenação pela imposição das mãos é reconhecimento público e solene dessa vocação.

Contudo essa sanção simples e bela, como se vê nas Escrituras, não é uma cerimônia eclesiástica de ordenação sofisticada como o complicado ritualismo da liturgia católica e nem se constitui em "sacramento" a transmitir graça ou carisma.

A dogmática católica, outrossim, doutrina que os "sacramentos" em número de *sete*, são diretamente instituídos por Jesus Cristo.

Ora a imposição de mãos que sagra os "bispos" na condição de sucessores dos Apóstolos não pode ser considerada "sacramento", embora a mesma dogmática a inclua entre os seus sete "sacramentos". Não pode ser considerada "sacramento" porque Jesus Cristo não a instituiu e nem a renovou, visto que, em vez de impor as mãos, Ele soprou sobre os Seus discípulos que estavam com os Onze (João 20:19-23; Lucas 24:33-36).

Releva notar: Ele soprou não impôs as mãos!

Porventura em alguma ocasião Jesus Cristo impô-las?

Sem dúvida encontramos-10 a praticar esse gesto em Marcos 10:16, mas às crianças que abençoava, não constando que delas haja feito sacerdotes. Impô-las ainda sobre enfermos sem, contudo, sagrá-los "bispos". Constituiu-se esse gesto de Jesus num sinal de bênçãos.

Fundamentar a sagração episcopal que transmite a sucessão apostólica, como quer a LG sobre a imposição de mãos aludida em I Timóteo 4:14 e II Timóteo 1:6-7 é exorbitar do significado bíblico desse gesto e levar a própria teologia católica a contradizer-se. Se o "sacramento", por ser de instituição divina, como querem os catolicólogos, só pode haver sido estabelecido por Jesus Cristo e se não se encontra Cristo instituindo o gesto de imposição de mãos como "sacramento" da sagração episcopal, então não foi esse "sacramento" instituído por Cristo. Se Paulo o instituiu, como ambicionam aqueles catolicólogos encontrar em I Timóteo 4:14 e II Timóteo 1:6-7 então o "sacramento" não foi estabelecido por Jesus Cristo e deixa, por isso, de ser "sacramento". Em conclusão, a própria contradição da teologia romana nos leva à conclusão de que os "bispos" não são sucessores dos Apóstolos.

5)- Aliás, este assunto da essência da "ordenação sacerdotal" e da "sagração episcopal" causou notáveis celeumas no catolicismo romano apesar do "papa" Leão XIII, em sua *Apodtolioae Curae*, de 13 de Setembro de 1896, considerar o episcopado como *O summum sacerdotiim, saori ministerit, summa* (= o sumo sacerdócio, as culminâncias do sagrado ministério) .

A provarem a carência de base bíblica para a imposição das mãos no caso da sagração episcopal aconteceram muitas disputas teológicas sobre o assunto nos arraiais católicos.

No século VI surgiu até uma imposição dos Evangelhos como a essência do rito da sagração episcopal. Através dos séculos e apesar da definição do Concílio de Florença em seu Decreto aos Armênios, criaram-se

entre os teólogos católicos, nada menos de seis diferentes correntes sobre o assunto. Uma delas, forte porque seguida de teologastros como Billot, Noldin, Tanqueray, Hervé, Merkelbach, admitia também a entrega dos instrumentos (cálice e patena para os simples sacerdotes e os Evangelhos para os "bispos") como necessária à essência desse "sacramento".

Somente em 30 de Novembro de 1947 aconteceu outra definição definitiva. O "papa" Pio XII, com a Constituição Apostólica *Saoramentum Orâinis*, sem efeito retroativo, quis por término à longa querela.

6) - A definir infalivelmente a matéria que se arrastou entre disputas multisseculares, Pio XII valeu-se destas expressões: *Divino Lumine 'invoato, suprema Noetra Apostolia Auctoritate et certa scieneia declaramus et, quatenus opus sit, dioemimus et disponimus: Sacramm Ovdinwn Diaaonatus, Pvesbyteratus et Episcopatus materiam eamque unam esse manuum impositionem; formam vero itemque unam esse verba appliaationem huius mateviae determinantia, quibus univoce signifioantur effeatus sacramentales sailiaet potestas or dinis et gratia Spiritus Sancti - quaeque ab Eoalesia qua talia aeopiuntur et usurpantur*. Apresento a tradução: "Tendo invocado as Luzes Divinas, pela nossa suprema autoridade apostólica e conhecimento certo, declaramos, e, tanto quanto seja necessário, definimos, e dispomos: a matéria das sagradas ordens (diaconato, presbiterato e episcopado) consiste somente em uma imposição das mãos; a única forma, porém, são as palavras pronunciadas na aplicação desta matéria, as quais de si mesmas, significam os efeitos sacramentais, isto é, o poder da ordem e a graça do Espírito Santo, e, nesse sentido foram recebidas e são usadas pela Igreja".

Apesar de ser a doutrina da sucessão apostólica importantíssima para as pretensões do imperialismo católico, arrastaram-se por longos séculos as disputas relativas ao rito da imposição das mãos como elemento transmissor daquela sucessão. Coube a Pio XII, afinal, decidir (e em pleno século XX apenas) que a matéria do "sacramento da ordem" se reduz essencialmente à imposição das mãos. Mas, para a validade desse gesto material é necessária (imprescindivelmente necessária) a forma esteriotipada, isto é, um conjunto de palavras que o acompanha. Aquele, sem estas, não transmite sucessão alguma. Como estas sem aquele se tornam sem qualquer efeito sacramental.

As palavras rituais que compoem essa forma do "sacramento" estabelecidas pela infalível "igreja" são: *Comple in sacerdote Tuo ministerii Tui summam et ovnamentis totius glorificationis instructum caelestie unguenti jrore sanctifi^ ca* (= "Completa o coroamento da Tua glorificação, santifica-o com o orvalho do Teu unguento celeste").

Para fundamentar biblicamente a imposição das mãos como rito essencial à transmissão sacramental da sucessão apostólica, a dogmática invoca os textos de I Timóteo 4:14 e II Timóteo 1.6-7. Todavia reconhece a insuficiência desse gesto. Está tão convencida da incapacidade desse rito em produzir o que ela quer que engendrou um punhado de palavras para acompanhá-lo, cuja ausência implica na inutilidade do gesto da imposição das mãos. É a própria teologia dogmática católica a reconhecer que esse gesto não tem poder algum de produzir o que ela anela.

Desafio todos os teologastros católicos, todos os concílios, todos os "papas" a que me apresentem o lugar das Escrituras Sagradas onde se encontram aquelas palavras da forma consecratória dos "bispos", julgadas de extrema importância a ponto de sua ausência implicar na inutilidade do gesto de impor as mãos.

7) - A título de informação! São, outrossim, tamanhas as contradições entre as definições papais e conciliares que seus pronunciamentos não merecem respeito da parte dos conhecedores das Escrituras.

No caso deste nosso assunto lembramos a discrepância das definições da "igreja" pondo em xeque a sua suposta infalibilidade. O Concílio de Florença, em seu Decreto aos Armênios, incluído na Bula *Exultate Deo*, de 22 de Novembro de 1439, assinada pelo "papa" Eugênio IV, definiu a questão: *Sextum sacramentum est ordinis, cuius matéria est illud, per cuius traditionem confertur ordo; sicut presbyteratus traditur per orationem et patenas cum pane et uino... Forma sacerdotii talis est; a quo potestatem offerendi sacrificium in Ecclesia pro vivis et mortuis, in nomine Patris, et Filii et Spiritus Sancti* (= "o sexto sacramento é o da ordem, cuja matéria é aquela por cuja entrega é conferida a ordem; assim o presbiterato (ou sacerdócio) é transmitido (ou conferido) pela entrega do cálice com vinho e da patena com o pão... A forma do sacerdócio é: recebe o poder de oferecer, na Igreja, o sacrifício pelos vivos e pelos defuntos, em Nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo").

Na recente Constituição Apostólica *Sacramentum Ordinis*, a contrariar a definição infalível do Concílio de Florença, o "papa" Pio XII, também infalivelmente, define reduzir-se a essência do "sacramento" da ordem à imposição das mãos como matéria acompanhada em sua aplicação da prolação das palavras rituais da forma.

Duas definições dogmáticas contraditórias! Flagrante antilogia! Onde, pois, a infalibilidade da chamada "igreja"?

E há mais! Quem escapa das sólidas orientações e definições da Palavra de Deus sempre está sujeito às mais desencontradas e ridículas contradições. Neste caso, as definições dogmáticas de Pio XII, ao invés de

porem termo à multissecular disputa teológica, abriram uma nova área para dúvidas e interrogações.

O Concílio de Florença e o Concílio de Trento, na esteira de Jerônimo, definiram serem SETE os "sacramentos" e anatematizaram quem dissesse diferente alegando que são seis ou oito. A moderna teologia do episcopado católico, contudo, baseada nas últimas definições sobre o tema, aceita o "sacramento" do episcopado além do "sacramento" da ordem (presbiterato ou sacerdócio), pois o rito da consagração episcopal encerra, de fato, todos os elementos de um "sacramento" distinto (J.Lecuyer, *Orientation presente à la theologie de l'episcopat, in L'Episcopat et l'Église Universelle*). Nesse caso, os "sacramentos" passam a ser oito? E as excomunhões tridentinas não atemorizam e fazem recuar os modernos teólogos?

Todas essas considerações no desenvolvimento de nossa análise nos levam a rejeitar a "sagração episcopal" como o rito transmissor da sucessão apostólica dos "bispos" como ambiciona a LG.

.oOo.

## OS PODERES EPISCOPAIS

**S**ucessores dos Apóstolos incumbe-se-lhes "a missão de ensinar a todos os povos e pregar o Evangelho a toda criatura, a fim de que os homens, pela fé, pelo batismo e pelo cumprimento dos mandamentos alcancem a salvação (cf. Mateus 28:18; Marcos 16:15-16; Atos 26:17-18)", estabelece o Concílio Ecumênico Vaticano II na sua LG (§ 24).

Antes de analisarmos o opulento múnus episcopal, rebatamos o ardil!

Insisto! A incumbência de pregar o Evangelho atribuiu- a o Senhor a todos, indistintamente a todos os discípulos. Jamais em qualquer declaração dEle, nem de leve, nem de longe, supôs Ele outorgá-la a uma classe especial de discípulos.

Aos Doze mandou pregar o Evangelho. Aos Setenta, também. Anunciavam a Palavra por toda a parte, os discípulos pela perseguição



dispersos, atingindo as regiões da Judeia e da Samaria, enquanto os Apóstolos permaneceram em Jerusalém (Atos 8:1-4). Filipe foi a Samaria. A Igreja em Antioquia (e não qualquer Apóstolo), em obediência ao Espírito Santo, separou e enviou Barnabé e Saulo à obra missionária (Atos 13:1-5). E a Igreja é a comunidade dos crentes!

Impossível é, outrossim, ao catolicismo evitar repetir sua tese basilar da salvação por méritos pessoais do pecador. A LG nesse item acima transcrito, exhibe-a outra vez nos moldes tridentinos: a salvação pela fé e com o contributo do "sacramento" do batismo e das obras, tese essa em frontal discordância com a Verdade do Evangelho.

Onde nos Textos aludidos pela LG nesse tópico o ensino da necessidade de "sacramentos" e obras de mandamentos para a salvação do pecador?

Exposto aquele enunciado referente ao ministério dos "bispos", a LG, no sulco da cediça hierarquiologia romana, trifurca-o em: múnus de ensinar, múnus de santificar e múnus de governar.

Examinemos cada um de per si!

## **I - O MÚNUS EPISCOPAL DE ENSINAR**

No desempenho desse magistério são os "bispos" "pregoeiros da fé e "mestres autênticos", "mestres e juizes da fé e moral", múnus esse próprio do seu poder de santificar.

Tidos como sucessores dos Apóstolos, pela LG, a reafirmar os velhos dogmas, "os bispos, quando ensinam em comunhão com o Romano Pontífice, devem ser respeitados por todos como testemunhas da verdade divina e católica. Devem os fiéis acatar uma sentença sobre a fé e a moral proferida por seu bispo em nome de Cristo, e devem ater-se a ela com religioso obséquio do espírito...

Embora os bispos individualmente não gozem da prerrogativa da infalibilidade, contudo, mesmo quando dispersos pelo mundo, guardando, porém a comunhão entre si e com o sucessor de Pedro e quando ensinam autenticamente sobre assuntos de fé e moral, concordando numa sentença que deve ser mantida de modo definitivo, então anunciam infalivelmente a doutrina de Cristo. E isso ainda aparece mais claramente quando reunidos em Concílio Ecumênico, são mestres e juizes da fé e moral para toda Igreja. Neste caso deve-se aderir às suas definições como obséquio da fé" (§ 25).

Antes de prosseguirmos a transcrição desse mirabolante e fantasioso pronunciamento, deter-nos-emos em poucas e curtas observações:

- Já vimos à luz da Palavra de Jesus várias vezes reiterada. "Pregoeiros da fé" são, indistintamente, todos os discípulos. Devem sê-lo todos sem exceção e em todas as oportunidades. E sem qualquer mandato outorgado por qualquer hierarquia episcopal.

São-nos todos "mestres autênticos" quando fundamentados nas Escrituras Sagradas porque a Exclusiva e Infalível Autoridade da prédica evangélica são elas.

- Todos os "pregoeiros da fé" "devem ser respeitados por todos como testemunhas da Verdade Divina". Portanto, não simplesmente pela pessoa humana do pregador, mas pelo conteúdo da mensagem por ele anunciada.

- Nem há necessidade de muitos tratos à bola para se verificar a absoluta ausência dessa suposta prerrogativa da infalibilidade dos "bispos". Se os próprios "papas" que se substituem sucessivamente e se contradizem, provando a inexistência da decantada infalibilidade papal, inexistente por razões ainda mais óbvias demonstradas em fatos diários, a preconizada infalibilidade dos "bispos".

Um exemplo apenas. E daqui do Brasil. No terreno social, que não deixa de arrolar a moral. Os documentos dos prelados emanados de suas reuniões são por todos assinados numa impressionante unanimidade de assentimento. Na prática, todavia, quantas divergências entre eles mesmos!

- Além de mestres ambicionam ser "JUÍZES DA FÉ E MORAL". Quanta empáfia!!!

A LG prossegue: "Esta infalibilidade, porém, da qual quis o Divino Redentor estivesse Sua Igreja dotada ao definir doutrina de fé e moral, tem a mesma extensão do depósito da Revelação Divina, que deve ser santamente guardado e fielmente exposto. Esta é a infalibilidade de que goza o Romano Pontífice, o Chefe do Colégio dos Bispos, em virtude de seu cargo, quando, com ato definitivo, como pastor e mestre supremo de todos os fiéis que confirma seus irmãos na fé (cf. Lc 22:32), proclama uma doutrina sobre a fé e os costumes.

Esta é a razão por que se diz que suas definições são irreformáveis por si mesmas e não em virtude do consentimento da Igreja, pois foram proferidas com a assistência do Espírito Santo a ele prometido no Bem-aventurado Pedro. E por isso não precisam de aprovação de ninguém nem admitem apelação a outro tribunal. Pois neste caso o Romano Pontífice não se pronuncia como pessoa particular, mas expõe ou custodia a doutrina da fé católica como mestre supremo da Igreja universal, no qual de modo especial reside o carisma da infalibilidade da própria Igreja. A

infallibilidade prometida à Igreja reside também no Corpo Episcopal, quando com o Sucessor de Pedro exerce o supremo magistério" (§ 25).

Ergamos alguns óbices a petulância do Vaticano II!

- Qual o conceito da teologia romanista acerca da infalibilidade?

É a imunidade ou isenção completa do erro, de tal modo que, não só de fato o erro é excluído, como também a sua possibilidade (= *Infallibilitas est immunitas ab errore, ita quidem ut error non tantum de facto excludatur, sed etiam eius possibilitas*).

Já se vê! A infalibilidade nesses termos só pode ser absoluta. Se se relativizá-la, deixa de ser infalibilidade.

Por conseguinte a infalibilidade é uma prerrogativa exclusiva de Deus. E de ninguém mais! E muito menos do "papa"! E muito menos ainda dos "bispos".

Provam-no e comprovam-no os fatos dos seus erros que se acumulam dia a dia.

Aliás, nem os próprios "bispos" concordam em muitos pontos de moral definidos pelos últimos "papas". Por exemplo, o da limitação da natalidade. Para o "papa" é pecado grave. Muitos "bispos" o seguem, muitos outros, porém, o contestam e estimulam os contracepcionais. E daí? Onde a unanimidade episcopal? A sintonia dos "bispos" com o seu hierofante?

A bem da verdade, muitos deles nem creem na infalibilidade do seu chefe!!! Nem na do seu colégio!!!

- Outra incoerência da definição da LG.

Os "bispos" somente são infalíveis quando a unanimidade deles a modo de Corpo Episcopal, estiver sincronizada com a infalibilidade do romano pontífice.

Se todos os "bispos" do mundo inteiro, conquanto reunidos em Concílio Ecumênico, estiverem concordes num artigo de fé ou de costumes, mas o soberano pontífice discordar, eles, os "bispos", nessa ocasião, deixam de ser infalíveis.

Ora, se o "papa", embora sozinho, é infalível, por ser o chefe do colégio episcopal, e se o corpo episcopal só é infalível na dependência de sua sujeição à infalibilidade do "papa", por que essa infalibilidade dos "bispos"?

Seria inútil por desnecessária!

Nas Sagradas Escrituras do Novo Testamento, de resto, jamais se encontra qualquer exemplo de algum pronunciamento dos Apóstolos em grupo ou colégio sincronizado com a autoridade primacial de Pedro. Cada Apóstolo individualmente cumpriu o *seu* múnus de *órgão* da Revelação como é o caso de Paulo com as suas prédicas e as suas Epístolas. De

Paulo que até divergiu de Pedro por se conduzir este contrariamente à Doutrina (Gálatas 2:11).

- Lá no seu § 20 a LG, no empenho de enaltecer o episcopado como sucessor do Colégio Apostólico na incumbência de ensinar, frisa que quem ouve os "bispos" ouve a Cristo, mas quem os despreza despreza a Cristo e Aquele que a Cristo enviou. E, sublinhando essa advertência manda conferir com Lucas 10:16.

Vamos lá agora mesmo a conferir!

Jã abri o Evangelho segundo Lucas. Em 10:16 como manda a LG.

De fato. São palavras de Jesus. Leio-assim: *"Quem vos ouve, a Mim Me ouve, e quem vos rejeita, a Mim Me rejeita; e quem a Mim Me rejeita, rejeita Aquele que Me enviou"*.

Se os "bispos" se consideram sucessores dos Apóstolos, então, essas palavras de Jesus Cristo não lhes cabem. E explico porque não se lhes devem ser atribuídas. Foram elas dirigidas aos Setenta discípulos e não aos Doze Apóstolos.

Se os "bispos" não se têm em conta de sucessores dos Setenta, portanto, atribuir-se-lhes essa Promessa de Jesus Cristo, é apropriar-se indevidamente daquilo que não lhes pertence.

Os 2.500 antístetes do Concílio Ecumênico Vaticano II, *acostumados* a torcer as Escrituras, nem se deram ao cuidado de conferir com o contexto o versículo arrolado por eles em sua sofistaria.

De que infalibilidade podem suas senhorias gozar? Se nem sabem citar as Escrituras!

Citaram o Texto como esinou, aprovando-a, a LG, atendendo eles, por conseguinte, todos os requisitos para a efetivação da prerrogativa da infalibilidade episcopal.

E erraram!!!

Erraram no próprio documento em que anunciam sua infalibilidade!

Merecem crédito e respeito esses "mestres da fé"?

## **II - O MÚNUS EPISCOPAL DE SANTIFICAR**

Os "bispos" "santificam os fiéis mediante os sacramentos, cuja distribuição regular e frutuosa é ordenada por sua autoridade" (LG § 26).

Dentre os "sacramentos", neste tópico a LG destaca o da eucaristia, "pela qual continuamente a Igreja vive e cresce".

A santificação promovida pelos "bispos" é falha e, por isso, nula. Procede ela dos cognominados "sacramentos", os quais não foram

instituídos por Jesus Cristo e as Sagradas Escrituras não nos oferecem qualquer base para admiti-los.

Se os "sacramentos" são uma quimera, a santificação promovida pelos "bispos" é *uma* ficção.

O magno documento do Vaticano II realça a eucaristia e sua soberana liturgia no "santo sacrifício da missa" como meio de santificação. Ora, a Missa é a mais aberrante deturpação católica do Evangelho de Cristo. O meu livro *A MISSA* elenca motivos sobre motivos de sua impostura que a faz culto de demônios. O resultado dessa suposta santificação produzida pela atuação sacramental dos "bispos" pode ser observado na grande lei da História de todos os tempos: ONDE O CLERO CATÓLICO PREDOMINA A MORALIDADE PÚBLICA É SEMPRE BAIXA. Constitui-se essa lei em definitiva prova da cabal falência do múnus episcopal de santificar os hierarquiódulos (= escravos da hierarquia).

### **III - O MÚNUS EPISCOPAL DE GOVERNAR**

O poder de governar ou reger numa sociedade chama-se JURISDIÇÃO, como, aliás, já vimos em capítulo passado.

A jurisdição dos "bispos" é o poder moral de obrigar os fiéis nos assuntos de fé e costumes. É o exercício desse sacro poder monárquico que constitui o episcopado em hierarquia ou oligarquia clerical. É a *POTESTAS IMPERII*.

Detentores dessa jurisdição imediata e ordinária, os "bispos" "são chamados antístites "dos povos que eles governam" (LG § 27).

A jurisdição episcopal trifurca-se nos seguintes poderes: legislativo, judiciário e coercitivo.

A teologia hierocrática vale-se *outra vez* das Palavras de Jesus Cristo anotadas por Mateus 28:18-20 e por João 20:21 no intento de fundamentar a *sua* assertiva de haver Cristo atribuído o poder jurisdicional sobre os membros do Seu Reino, não a todos os fiéis, mas SOMENTE aos Apóstolos colegialmente unidos na dependência do primado de Pedro.

Os três versículos de Mateus conservam a Grande Comissão de pregar o Evangelho a toda gente entregue a todos os discípulos sem qualquer distinção de categoria social ou religiosa. Neles nenhum vislumbre de estabelecimento de um grupo dominante.

Em outro capítulo vimos o fato de, no instante da Ascensão, estarem presentes outros discípulos além dos Apóstolos. E noutras ocasiões,

outrossim, o Mestre repetiu o Grande Mandato estando reunidos mais discípulos ao lado dos Onze.

Em João 20:21, no contexto do encontro de Jesus Ressuscitado na tarde do dia do Magno Evento, aos Apóstolos e aos demais discípulos presentes, contém esta expressão do Salvador: *"paz seja convosco; assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós"*.

O enviar de Jesus investe a todos, e não somente aos Apóstolos, da incumbência de ir. A presença de outros, além dos Onze, autoriza-nos esta conclusão consentânea, aliás com os impulsos da fé porque quem crê é movido a anunciar.

Ele, de resto, enviou de maneira soleníssima, os Setenta (Lucas 10:1-24). Às cidades que não os quisessem ouvir infligir-se-ão castigos mais rigorosos do que os de Sodoma. E aos Setenta Jesus Cristo garantiu: *"Quem vos ouve, a Mim Me ouve; e quem vos rejeita, a Mim Me rejeita; e quem a Mim Me rejeita, rejeita Aquele que Me enviou"* (v. 16).

É puramente fantasiosa a pretensão romanista de fundamentar nessas duas passagens das Escrituras o suposto poder imperial ou monárquico dos seus "bispos".

- A principal prova desse petulante MÚNUS EPISCOPAL DE JURISDIÇÃO à hierarquiologia imperialista romana ambiciona extrair da Palavra de Jesus Cristo: *"TUDO QUANTO LIGARES NA TERRA SERÁ LIGADO NO CÉU; E TUDO QUANTO DESLIGARES NA TERRA SERÁ DESLIGADO NO CÉU"*.

Há uns dez versículos do Novo Testamento de emprego permanente na teologia sofista do romanismo. Mateus 28:18-20, em sua hierarquiolatria, é uma dessas passagens. Sobre ela, por completo isolada do contexto e de todo o teor da Bíblia, e de modo particular do teor neotestamentário da Sã Ecclesiologia, sobre ela assim torcida e distorcida, à força de sofismas, constrói a sua hierarquiolatria monárquico-imperial que império-romaniza o cristianismo adulterado.

Mateus 18:18 serve-lhe a doutrina estúpida e imoral do "sacramento" da confissão auricular e como argumento principal de sua oligarquia episcopal.

Neste interesse sofisma:

1 - Essas palavras, como de resto o conteúdo de todo o capítulo 18 o demonstra, foram endereçadas SOMENTE aos Apóstolos.

2 - Cristo claramente distingue a correção feita por pessoas particulares (vv. 15-16) daquela que é feita pela Igreja (v. 17).

3 - O v.18, mostrando o perigo de se contrariar o julgamento da Igreja, confirma o v. 17 no tocante à clara distinção eclesiástica entre súditos e governantes.

As Palavras de Cristo em Mateus 18:18 estabelecem nos Apóstolos:

1 - Uma verdadeira jurisdição moral que lhes outorga o poder de julgar, o de corrigir e o de punir.

2 - Também uma legítima jurisdição social por ser cada "bispo" um monarca.

3 - Jurisdição universalíssima por atingir todos os povos em sendo o catolicismo um império.

Exposto o artifício romanista e suscitadas suas projeções no exercício do múnus jurisdicional dos "bispos" perfilados em oligarquia, pulverizemos as desonestas ambições.

A) - A catolicologia entende por Igreja nos Tempos Apostólicos a comunidade dos fiéis da qual os Apóstolos eram os prepostos de Cristo, aos quais também competia julgar os assuntos controversos.

Mortos os Apóstolos, entende ela, agora serem os "bispos" os prepostos de Cristo nessa comunidade.

Trata-se, é certo, de uma definição falsa de Igreja. Consoante o Novo Testamento a Igreja é a comunhão dos salvos batizados congregados com o objetivo de anunciar o Evangelho e estimular o mútuo crescimento espiritual.

É sob esse prisma que se há de considerar a Palavra de Jesus em Mateus 18:17-18.

Não obstante estarem apenas os Apóstolos presentes na oportunidade de sua declaração, por ser permanente e universal, esta atinge TODOS os discípulos de todos os tempos. Fator este evidente e lógico em decorrência da natureza das diretrizes naquela declaração de Cristo contidas por serem de contínua utilidade e sempre oportunas.

A atermo-nos à literalidade da presença dos Apóstolos naquela ocasião e que por isso somente a eles atribuídas a incumbência e as prerrogativas naquelas diretrizes contidas, deveria a exegese romanista ser coerente com a mesma literalidade recusando a sucessão dos Apóstolos, tanto mais que em nenhuma parte do Novo Testamento se fala dessa sucessão apostólica.

B) - Discorria Jesus acerca das normas a serem adotadas na conjuntura de se promover a reabilitação de algum membro da Igreja (Mateus 18:15-20).

Se com o trabalho pessoal de algum irmão, mesmo secundado de duas ou três testemunhas, o pecador recalcitrasse, o assunto deveria ser encaminhado à Igreja (v.17).

Falando aos Apóstolos Jesus Cristo instruiu a Igreja.

A Igreja de todos os tempos e de todos os lugares.

Instruiu a Igreja na qualidade de comunhão dos crentes batizados.

Ele não diz que os crentes levem o assunto aos Apóstolos, ou aos seus supostos sucessores e nem aos Presbíteros.

Orienta a se levar a questão à Igreja: *"se recusar ouvi-los, dize-o à Igreja"* (v. 17).

Se o impedido no erro recusar ouvir a Igreja, esta, a Igreja, infligirá a devida disciplina e, se também recusar ouvir a Igreja, considera-o como gentio e publicano (v. 17).

Quem deve ouvir o problema e solucioná-lo é a Igreja.

E não os Apóstolos!

Impossível maior clareza da parte de Jesus.

Nessa circunstância, ao dirigir-Se aos Apóstolos Jesus lhes falava como sendo eles congregados em Igreja. Não pelo fato de serem Apóstolos.

Por isso afirmou: *"Em verdade vos digo: Tudo quanto ligardes na terra será ligado no Céu; e tudo quanto desligardes na terra será desligado no Céu"*.

Nem teria sentido estar Ele estabelecendo normas de atuação para a Igreja e sobre o mesmo assunto, sem qualquer digressão dele, abrisse um parêntese a fim de outorgar um múnus especial aos Apóstolos. Tanto mais que esse v. 18 se liga estreitamente ao anterior v.17.

Aquele *"TUDO QUANTO LIGARDES... TUDO QUANTO DESLIGARDES..."* vincula-se, é insofismável e inquestionável, à atuação disciplinar da Igreja.

Quando uma Igreja aceita uma pessoa salva como seu membro, esse fato é também aceito no Céu. Quando uma Igreja desliga do seu rol de membros um cidadão, o Céu de semelhante maneira o considera desligado da Igreja.

Fazer como faz a teologia católica, ou seja, incluir nesse TUDO o "sacramento" da confissão auricular, a canonização dos "santos", a infalibilidade do "papa" e do colégio dos "bispos" submisso ao soberano pontífice, dentre tantos outros dogmas, é exorbitar. É, por interesse de sua hierarquia, concluir aquilo que Jesus nunca imaginou.

O v. 18 se encaixa, sintoniza-se, sincroniza-se, com o versículo anterior por tratar do mesmo assunto disciplinar. Tanto assim que nos dois versículos seguintes o Mestre prossegue a discorrer sobre ele para a Igreja, prometendo inclusive estar sempre com a Igreja, *"pois onde se*



*acham dois ou três reunidos em Meu Nome", prometeu Ele, "aí estou Eu no meio deles".*

Enfim, por oportuna recomendo a leitura do capítulo intitulado: *O PODER JURISDICCIONAL REVELADO NO SIMBOLISMO DAS CHAVES* do meu livro: *PEDRO NUNCA FOI PAPA! NEM O PAPA É VIGÁRIO DE CRISTO*.

C) - A autoridade espiritual, moral e social conferida por Jesus Cristo se destina à Igreja e não aos Apóstolos como Colégio Apostólico de duração transitória, aliás. Com efeito, extinto com a morte de João, o último deles.

Assim entenderam os discípulos e a Igreja em Jerusalém elegeu Matias (Atos 1:15,20) e os diáconos (Atos 6:3). As Igrejas de Listra, Icônio e Antioquia elegeram presbíteros (Atos 14:23).

As orientações disciplinares de Jesus foram lembradas por Paulo à Igreja de Corinto a qual deveria exercê-las (I Coríntios 5:3-5). Em sendo Apóstolo, Paulo não se arrogou o múnus de excomungar o incestuoso, pois o ato era da alçada exclusiva da Igreja.

A administração do batismo, ordenança da Igreja, compete a ela e não a uma casta sacerdotal. Tanto assim o diácono Filipe batizou em Samaria e o fez sem qualquer provisão dos Apóstolos que o constituísse mandatário ou procurador deles.

Inexequível conceber-se terem os Apóstolos pessoalmente batizado no dia do Pentecostes aqueles quase três mil. Também não havia ainda os Presbíteros. Pelo relato bíblico não consta terem eles ordenado-os naquele dia. Se houvesse ocorrido o fato tão insigne, de certo, o Livro dos Atos te-lo-ia anotado, como relatou o estabelecimento dos diáconos. Então quem participou da administração do batismo de tanta gente naquele dia? Com certeza muitos outros discípulos do grupo dos 120 (Atos 1:15), grupo este que outra coisa não era senão uma Igreja. E Igreja com rol de membros, sendo alguns deles nominalmente mencionados (Atos 1:13, 14, 23).

D) - Há de se conservar em mente o pormenor importantíssimo da presença física dos Apóstolos naqueles primórdios sem que por esse motivo se guindassem a uma casta hierárquica com especiais poderes jurisdicionais. Os Apóstolos, órgãos da Revelação Divina, que, especialmente inspirados, transmitiam àquelas primeiras Igrejas as Revelações do Senhor e escreviam, como Paulo, Pedro, João, Mateus, os Livros Sagrados, tendo, outrossim, autorizado que outros (Marcos, Lucas, Tiago, Judas) o fizessem. Com a morte de João cessou o Período da Revelação Divina e se completaram as Escrituras do Novo Testamento.

É de cristalina evidência essa especial atuação dos Apóstolos ao estabelecerem normas divinamente inspiradas para as Igrejas e ao lhes

lembrar as pessoalmente instituídas por Jesus Cristo, como no caso aludido da Igreja de Corinto, omissa quanto ao incestuoso.

Este múnus especialíssimo dos Apóstolos é intransferível. Por isso não vemos nenhum deles a passá-lo adiante.

.oOo.

## **A IMAGEM DA BESTA RESPIRA E FALA**

**I**nspiradas pelo Anticristo, as multidões, ao perpassar dos séculos, esculpiram na HIERARQUIA a IMAGEM DA BESTA imperial. Essa hierarquia, revivência permanente da estrutura sócio-político-administrativa do império romano.

Apocalipse 13:15 informa haver Satanás atribuído ao Anticristo o poder de dar fôlego à imagem da Besta possibilitando-lhe o dom da linguagem.

Prodígio inaudito o de uma imagem falar!

Os sacerdotes da idolatria, no serviço da mulher prostituta, alegoria do sistema religioso católico (Apocalipse 17:1-6), divulgam rumores do fabuloso milagre de imagens de "santos" ou de "nossas senhoras" feitas em madeira ou gesso, chorar. E seus fiéis do mundo inteiro, incluindo-se também os da Superpotência Norte Americana, que gostam de ser ludibriados, acorrem aos convites de culto à imagem portentosa.

Mencionei os Estados Unidos porque há uns anos passados, em Nova Orleans, uma imagem da "senhora de Fátima", a embasbacar os devotos, verteu lágrimas. O evento incomum causou inimaginável pasmo a ponto de os hierarcas treparem o milagroso ícone num andor e o levarem peregrino pelo mundo inteiro.

Neste fim da Dispensação da Igreja, a cumprirem todos os Sinais Escatológicos anunciadores da Volta Gloriosa de Jesus Cristo, em destaque especial, consuma-se o da apostasia. E a Nação Norte-Americana, civilizada ao bafejo do Evangelho, celeiro de missionários, abjura seus honrosos privilégios e se torna a ribalta da impostura clerical, pondo-se na vanguarda da apostasia.

Se uma imagem de gesso a chorar atraindo, pelo inusitado prodígio, as atenções dos devotos, o portento de uma imagem a respirar e a falar excede em motivo de espanto a todos os outros que as imagens fazer possam.

A imagem que respira e fala não é esculpida em metal precioso ou madeira de lei. Nem é fundida em gesso.

## **A VERDADEIRA IMAGEM DA BESTA**

A imagem milagrosa é a HIERARQUIA CATÓLICA.

Desde sua montagem ela tem falado... Voz altissonante, falou nos séculos da Idade Média sobressaindo-se à fala dos reis e príncipes, dominando as nações, manobrando a política europeia e esmagando os que se recusavam cultuá-la.

Ao tempo do Renascimento ela sempre falou.

Na Idade Moderna, quando a República substituiu a Monarquia, ela, que sempre esteve ao lado dos donos do poder, soube acomodar-se às novas circunstâncias e continuou a falar.

Em alguns momentos, como nos da Revolução Francesa e nos do período de transição da Monarquia para a República no Brasil, velou-se a sua voz e houve até momentos de afonia.

Em fins do terceiro quartel do século passado a Itália obteve concretizar o antigo sonho de sua unificação, sempre dificultada e impedida pelas ambições do "papa", soberano dos Territórios Pontifícios.

Quando em 1870 os italianos vitoriavam o magno acontecimento e se supunha, em definitivo, emudecida a voz da imagem da Besta deixando à Itália os cuidados de sua administração política, eis que a imagem da Besta, a hierarquia católica confabulava e conspirava reunida em Concílio Ecumênico.

## **A REVITALIZAÇÃO DA IMAGEM DA BESTA**

O Concílio Ecumênico Vaticano I, celebrado em 1870, apesar de interrompido por obstáculos exteriores surgidos da luta em prol da Uni-

ficação Italiana, efetivou a oxigenioterapia dessa imagem revigorando-lhe os pulmões.

O organismo humano tem extraordinária capacidade de adaptação às mudanças circunstanciais. O organismo da Besta desfrui de muito maior adaptabilidade. Condiciona-se com incrível maleabilidade a todos os climas. Na emergência da adversidade, acomoda-se para, posteriormente, sobrepujar tendo dominado a situação adversa.

O Concílio Vaticano I confirmou e ao dogmatizar enalteceu as prerrogativas do soberano pontífice, o cimo da pirâmide hierárquica. A subjugar as consciências sob os ergástulos do dogma definiu como artigo de fé irrecusável o primado jurisdicional do "bispo" de Roma e sua consequente infalibilidade magisterial.

O Concílio Ecumênico Vaticano II que, ao ser idealizado por João XXIII e antes de ser assim enumerado, pensou-se que se intitularia simplesmente Concílio Ecumênico Vaticano por se constituir em continuação do de 1870 que não fora encerrado, mas apenas interrompido, o Concílio Ecumênico Vaticano II, embora pela sua designação ordinal de segundo, suponha ser o de 1870 o primeiro, o Concílio Ecumênico Vaticano II, na verdade, prosseguiu o tema do Vaticano I: a HIERARQUIA = IMAGEM DA BESTA.

Ao pesquisador da História salta a evidência de jamais haver essa oligarquia clerical se preocupado com os problemas espirituais do mundo no anelo de contribuir de alguma forma em direção de pelo menos encaminhar propostas de solução.

Enganam-se os tantos esperançosos de engajar-se, quando do Vaticano II, a opulenta hierarquia nas tentativas de resolver os problemas espirituais, origem de todas as dificuldades dos homens.

O Vaticano II preocupou-se, sim, em exaltar a sua Hierarquia revitalizando-lhe os pulmões que lhe favoreçam voz tonitroante a sobrepujar todos os clamores da desalentada humanidade.

## **OS DOIS ÚLTIMOS CONCÍLIOS NO CONTEXTO ESCATOLOGICO**

Paulo VI, em seu discurso de abertura da Terceira Sessão do Concílio Ecumênico Vaticano II, aos 14 de Setembro de 1964, sem quaisquer circunlóquios, asseverou: "Trata-se de completar a doutrina que o Concílio Ecumênico Vaticano I se propunha enunciar, mas que, sendo interrompido por obstáculos exteriores... não pôde definir senão a primeira parte. Esta refere-se ao Chefe da Igreja, o Romano Pontífice, e às suas prerrogativas

supremas, o primado de jurisdição e a infalibilidade de magistério, de que Jesus Cristo quis dotar o Apóstolo Pedro, seu Vigário visível na terra, aquele que lhe sucede em tão sublime e tremendo cargo. Temos de *completar a* exposição desta doutrina, para explicar o pensamento de Cristo sobre a sua Igreja toda, especialmente sobre a natureza e função dos sucessores dos Apóstolos, isto é, do Episcopado..." (§ 9,10).

Quando ao tempo do império romano e também quando de sua revivificação como sacro império romano sob Carlos Magno, o Anticristo impunha aos povos que o adorassem sendo-lhe subjugados (Apocalipse 13:12). E enquanto a besta política, alegoria desse império latino, está inerte e inativa sob os efeitos da ferida mortal, o Anticristo, exaltando-a, força os povos a adorar a IMAGEM DESSA BESTA.

Se o monarca imperial não mais existe, aí está o "papa", imagem dele, soberano do imperial cristianismo romanizado. Se os cônsules, procônsules, governadores e reis tributários, inertes como o império latino, não mais atuam, aí estão os "bispos" constituídos em altíssimo grau da hierarquia, a imagem deles, porque a estrutura hierocrática do catolicismo, a manter o ritmo de revivescência das ideias e sentimentos da antiga potência mundial, e a imagem acabada da estrutura hierárquico-administrativa do império romano, figurado na primeira besta de Apocalipse 13:1-10.

Com efeito, comprova-nos a História! A hierarquia católica herdou do império latino, por inexorável atavismo, os seus apetites de domínio, o seu espírito de romanidade, as suas estruturas jurídico-elesiásticas.

E no impulso dessa tara de prepotência desvirtua e corrompe o genuíno conceito da Eclesiologia Neotestamentária.

Nestes tempos vizinhos da Consumação Escatológica, sincronizado nos grandes eventos do Cenário Final, o Concílio Ecumênico Vaticano II ratificou, sem retificar coisa alguma, o dogma do Vaticano I sobre as prerrogativas do supremo monarca da hierarquia e, como objetivo primordial, descreveu, honrou e enalteceu as prerrogativas do episcopado, grau alto e importantíssimo da mesma hierarquia (Paulo VI ainda em seu discurso já referido quando da abertura da Terceira Sessão do Vaticano II em 14 de Setembro de 1964 - § 16).

Propôs-se o Vaticano II a, em harmonia com o dogma opressor do primado e infalibilidade do "papa", fazer "brilhar de luz esplêndida a figura e missão do Episcopado" (id. § 18), para que se consumassem em plenitude todos os prodígios da IMAGEM DA BESTA que respira e fala.

## A EPISCOPOCRACIA

A Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (a LG), como documento de ímpar realce do Vaticano II, em seu capítulo III, que é o seu ponto alto, dogmatiza acerca da "CONSTITUIÇÃO HIERÁRQUICA DA IGREJA" tornando-se desse modo o inevitável prolongamento da Constituição Dogmática *De Ecclesia Christi* do Concílio Vaticano I porquanto o dogma do episcopado completa o dogma do papado. Ambos interpenetram-se por se interdependerem, porque um não subsiste sem o outro na construção da hierarquia, essa monumental imagem de impostura e prepotência.

A LG nesse capítulo examina a natureza da Igreja, que, de acordo com a filosofia romanizante do império latino de Otávio Augusto e de Constantino Magno, herdada atavicamente pelo catolicismo, deve ser monárquica, tendo o "papa" como o seu perpétuo e visível fundamento e os "bispos" como importantíssimo grau de sua hierarquia.

A LG se alonga em reflexões sobre a instituição e a missão dos Doze Apóstolos em rumo da cobiçada sucessão apostólica dos "bispos": "os Apóstolos cuidaram de instituir sucessores nesta sociedade hierarquicamente ordenada" (§ 20).

Essa sucessão se estende indefinida e ininterrupta à extensão dos séculos por meio da sagração episcopal, cuja essência sacramental é a imposição das mãos.

Aos "bispos", na condição de prolongamento dos Apóstolos, outorgam-se poderes específicos: o de magistério, o de santificação e o de governo ou jurisdição em seus três aspectos (legislativo, judiciário e coercitivo). Todos esses poderes cada bispo, coadjuvado pelos seus sacerdotes, os exerce em sua própria diocese ou bispado, que é uma circunscrição territorial administrada eclesiasticamente por um antístite (bispo, arcebispo ou patriarca). Via de regra, trata-se de uma região repartida em paróquias as quais tem à sua frente um sacerdote como vigário ou pároco.

Disse via de regra porque em casos excepcionais pode haver uma diocese ou bispado composto somente de determinadas pessoas marcadas por índole própria. Por exemplo, pode haver um bispado somente de cidadãos procedentes de um país estrangeiro e por circunstâncias especiais inadaptados nos costumes do país onde residem.

Toda essa exposição da LG se reduz a simples repetição e confirmação da velha eclesiologia romanista.

Até o Concílio Vaticano II os "bispos", imbuídos dessa dogmática episcopólata, quais príncipes feudais cuidavam de suas dioceses. Cada um se isolava nos limites do seu bispado e se esquivava de se interessar

pelos assuntos de outro colega. Somente quando surgia uma situação grave ou no caso de alguma importante solenidade como a de um congresso eucarístico provincial ou nacional os prelados de uma província ou de um país se reuniam.

## **A COLEGIALIDADE EPISCOPAL EM REALCE**

O Concílio Ecumênico Vaticano II deliberou ampliar as dimensões da atuação dos "bispos" ao frisar a índole colegial da ordem episcopal, sempre reconhecida pela teologia católica e pela celebração de concílios ecumênicos, as assembleias de todos os prelados do mundo inteiro.

Importa enaltecer a IMAGEM DA BESTA como um bloco uno e coeso por meio da presença colegial dos "bispos".

Esse bloco é chamado COLÉGIO.

O vocábulo colégio procede do verbo latino *COLLIGERE* (= reunir) e significa a reunião de muitas pessoas unidas ou ligadas por algum vínculo, tendo em vista a consecução de algum fim ou interesse.

No caso particular dos prelados romanos, é uma corporação estável com estrutura e autoridade próprias.

O colégio episcopal por se formar em bloco uno e coeso, ou por ser reputado como realidade orgânica dotada de uma forma jurídica muito própria, é também chamado ORDEM ou CORPO.

Esse COLÉGIO, ou CORPO ou ORDEM EPISCOPAL, em sendo universal por se espalhar por todo o orbe, é UNO e COESO numa estrutura monolítica.

## **O SEGREDO DE SUA COESÃO**

Semelhante unidade coesa do colégio episcopal decorre da indispensável inclusão do romano pontífice como chefe que, na qualidade de sucessor de Pedro, é o PERPÉTUO E VISÍVEL PRINCÍPIO E FUNDAMENTO DESSA UNIDADE (LG §§ 22, 23).

Paulo VI, em seu discurso já aludido no fulcro da filosofia imperialista ou romanizante de Otávio Augusto e Constantino Magno, que é a própria mentalidade da "igreja" da hierarquia (por isso mesmo se chama "igreja" da hierarquia), Paulo VI, discorrendo sobre a colegialidade dos "bispos", salientou: "Se o nosso múnus apostólico (dele, do "papa") nos obriga a pôr reservas, a precisar termos, a prescrever atitudes e a ordenar modalidades no exercício do poder episcopal, vós bem o sabeis, fazemo-lo para o bem da Igreja inteira, POR AMOR DA SUA UNIDADE, QUE TANTO MAIS PRECISA DE UM GUIA CENTRAL QUANTO MAIS VASTA SE TORNA A SUA

EXTENSÃO CATÓLICA, quanto mais graves são os perigos e mais urgentes as necessidades do povo cristão nas várias contingências da história, e podemos acrescentar ainda quanto mais facilitados estão hoje os meios de comunicação..." (§ 19).

Essa centralização sob a autoridade monárquico-imperial do "papa"-césar é, ainda segundo Paulo VI, a "interpretação do espírito unitário e hierárquico da Igreja" (§ 19).

Em sua alocução de encerramento da Terceira Sessão do Vaticano II, em 21 de Novembro de 1964, Paulo VI outra vez considerou a unidade coesa do colégio episcopal: "E esta íntima e essencial relação (dos "bispos" em colegiado com o seu chefe) é que faz do Episcopado uma classe unitária, que acha no Bispo sucessor de Pedro (o "papa") não um poder diverso e estranho, mas sim o seu CENTRO e o seu CHEFE" (§ 10).

Destaquei em versais aquelas palavras do pronunciamento de Paulo VI no intento de sublinhar a filosofia imperialista do catolicismo, que faz dessa força centralizadora da autoridade pontifícia o princípio essencial da constituição da "igreja" hierarquizada.

Originado qual chavelho pequeno dos dez chifres da fera das visões de Daniel (7:8, 11, 20-25), do império romano diante de cujo monarca, a encarnação da besta política (Apocalipse 13:1-10), prostravam-se genuflexos em adoração os seus vassallos, o Anticristo, o "papa", vértice de sua hierarquia, impõe aos seus próprios hierarcas sujeição incondicional.

## **AS CONFERÊNCIAS REGIONAIS**

O Vaticano II, com a sua LG, estimula enormemente essas associações regionais dos "bispos".

As de amplitude continental, como a CELAM (= CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANA) que abarca os "bispos" de todo este nosso Continente, quando se reúnem dão a impressão de verdadeiro concílio ecumênico.

As de âmbito nacional, como a CNBF (= CONFERENCIA NACIONAL DOS BISPOS NO BRASIL), nas quais se agrupam os "bispos" de um país, mobilizam toda a imprensa.

Quando a CNBB tem os seus encontros, os jornais dispensam gratuitamente colunas sob largas manchetes aos seus noticiários pormenorizados. Desfruta ela de mais amplas e maiores regalias do que qualquer partido político. E sua atuação no terreno da política supera a de todos esses partidos juntos. Aliás nenhuma agremiação social ou política dispõe de recursos financeiros e humanos como a CNBB. Em nome de



religião tem ela imensa horda de lacaios em todos os quadrantes do território nacional e nos mais recuados vilarejos, lacaios esses que lhe prestam com prontidão sabuja serviço inteiramente gratuito.

## **A IMAGEM DA BESTA E MARXISMO**

De índole marcada pelos pendores de predomínio, de opressão e arbítrio, a hierocracia católica é a mais perfeita encarnação do totalitarismo cruel que, com seus "bispos" quais tentáculos à semelhança de férreas garras, subjugam povos e nações inteiras.

O polvo, o molusco cefalópode de muitos longos braços bem significa a hierarquia, pois com a sua única cabeça representa o "papa" e os seus tentáculos a ela ligados, os "bispos" a atingir as multidões para escravizá-las.

Se é de sua índole estrutural a vocação de absolutismo herdada atavicamente do império romano, impossível lhe é sobreviver num mundo de liberdade.

Gerada e criada nas conjunturas mesológicas da potência latina por inalienável herança carrega o conceito de romanidade identificado com o de prepotência universal.

Ao tempo do grande reino dos Césares as nações independentes tornaram-se províncias, compostas de tetrarquias ou reinos administrados por governadores, procônsules, procuradores ou reis tributários. Herdeira por natureza das taras de despotismo a hierarquia católica, o revivescente império latino, sustenta a mesma organização jurídico-administrativa com os seus "bispos"-procônsules, prelados-procuradores, arcebispos-governadores, cardeais-reis tributários a explorar sob o aval da religião com poder absoluto as nações tiranizadas e a desenvolver tenebrosa trama de intrigas políticas.

Enganou-se Juan Danoso Cortês, o escritor espanhol católico, ao prever em seu livro *ENSAIO SOBRE O CATOLICISMO, O LIBERALISMO E O SOCIALISMO* (1851), a derrota do socialismo pelas forças católicas. Errou ele por olvidar a natureza do catolicismo de cuja essência faz parte íntima o espírito totalitário.

Em consequência, nesse atual confronto entre marxismo e liberdade, assistimos o apressar da vitória do totalitarismo socialista exatamente pelas manobras da hierarquia romana, dotada de tão inesgotável poder de manipular, tergiversar e sobrepujar que é capaz de se servir do socialismo, o mais violento regime de opressão, para consumir nos derradeiros

tempos dos sinais da Volta de Cristo, a sua vocação de prepotente IMAGEM DA BESTA.

Nesse aspecto de suplantação do socialismo pela hierarquia católica que dele se aproveitara com o propósito da mais feroz opressão, foi muito feliz a análise do Prof. Nicolas Boer em sua tese *MILITARISMO E CLERICALISMO EM MUDANÇA E SUA REPERCUSSÃO NA EDUCAÇÃO* apresentada em Setembro de 1979 na Universidade de São Paulo, que lhe valeu a livre-docência em Sociologia da Educação.

## **A IMAGEM DA BESTA E A MULHER PROSTITUTA**

Apocalipse 17:1-6 discorre também acerca da atuação política da hierarquia católica simbolizada na mulher prostituta cujo nome é "*MISTÉRIO, A GRANDE BABILÔNIA, A MÃE DAS PROSTITUIÇÕES E DAS ABOMINAÇÕES DA TERRA*" (v. 5).

Qual amazona cavalga ela a besta imperial por dominar a seu talante o grande império da política internacional.

Qual prostituta assenta-se sobre muitas águas que são povos, multidões, nações e línguas (id. v.15) por subjugar aos seus interesses e caprichos a política interna desses povos e nações. Impressiona-os pelos galanteios e inexcedível riqueza ostentada no luxo custosíssimo de suas vestes e adornos (v . 4).

A IMAGEM DA BESTA é a *ABOMINAÇÃO DA DESOLAÇÃO*, segundo Jesus Cristo, predita pelo profeta Daniel (Mateus 24:15).

Refere-Se Jesus àquela visão do Profeta acontecida ao tempo do reinado de Belsazar, junto do Rio Ulai, na cidade de Susa, capital da Província da Pérsia (Daniel 8). Trata-se da visão do carneiro de dois chifres e do bode dotado de "*um chifre notável entre os olhos*".

O carneiro representa os reis da Média e da Pérsia, e quanto ao bode peludo, a Grécia (vv. 20, 21) que, ao tempo de Alexandre Magno, suplantou a potência anterior medo-persa.

Os quatro chifres levantados no lugar daquele estranho chifre posto entre os olhos do bode, significam os quatro reinos que se originaram do império grego: o de Cassandro, ao Ocidente, com a Macedônia e Grécia; o de Lisímaco Nicator, ao Norte, com a Trácia e a Ásia Menor Ocidental, incluindo a Paflagônia e o Ponto; o de Selêuco, a Este, com a Síria e a Babilônia; o de Ptolomeu, ao Sul, com o Egito, a Cirenaica e a Arábia.

Lisímaco Nicator, antigo general de Alexandre Magno, fundou a dinastia dos selêucidas, motivo das graves preocupações do Profeta Daniel.

Ainda em suas visões às margens do Rio Ulai, de um daqueles chifres "*saiu um chifre pequeno, o qual cresceu muito...*" (Daniel 8:9), que é a alegoria de Antíoco IV Epifanes, da dinastia selêucida, invasor da Palestina. Em sua descomunal arrogância pretendia igualar-se a Zeus e nesta condição de divindade tentou afogar os sentimentos religiosos dos hebreus. Quando, em 168 a.C., invadiu Jerusalém, "*tirou o holocausto contínuo*", destruiu o Templo e sobre o altar dos sacrifícios instalou o ídolo abominável, acontecendo a "**ABOMINAÇÃO DA DESOLAÇÃO**" (id. 8:13), aludida por Jesus Cristo e a ocorrer outra vez quando do domínio do Anticristo.

E, de fato, o que ao seu tempo fez Antíoco, prenunciou a outra destruição de Jerusalém pelos romanos em 70 de nossa era, quando o holocausto contínuo foi em definitivo tirado, e com a entronização naquele lugar santo da IMAGEM DA BESTA, isto é, da HIERARQUIA CATÓLICA, instalou-se a abominação desoladora.

As Sagradas Escrituras tacham a idolatria com as palavras mais duras. Dentre elas se destaca esta: ABOMINAÇÃO. Sempre a idolatria é abominação. É abominação praticada em qualquer lugar. Tornou-se ABOMINAÇÃO DESOLADORA ou ABOMINAÇÃO DA DESOLAÇÃO ao ser entronizada no Lugar Santo de Jerusalém.

A HIERARQUIA CATÓLICA por ser o sistema idolátrico do Anticristo, o "papa", é ABOMINAÇÃO e ABOMINAÇÃO DA DESOLAÇÃO instalada em Jerusalém.

Por intermédio de sua hierarquia lá está o Anticristo, o "papa", a se apresentar como Deus assentado no santuário de Deus e a, subrepticamente, porque ele sabe induzir ao engano (Apocalipse 13:12, 14), se opor e se levantar contra tudo o que se chama Deus ou é objeto de adoração (II Tessalonicenses 2:4).

ABOMINAÇÃO DA DESOLAÇÃO é o máximo da amargura em resultado do sumo desprazer da entronização no Lugar Santo da IMAGEM DA BESTA com o seu horrível cortejo de prostituições. As prostituições com as quais viva e dramaticamente as Sagradas Escrituras comparam as práticas idólatras desde o culto das imagens (Sobre este assunto recomendo a leitura dos livros de minha lavra *OS MEUS GRAVES PECADOS DE PADRE* e *A MÃE DAS PROSTITUIÇÕES*).

A partir das *cruzadas*, com efeito, a mulher prostituta e mãe das prostituições, se assentou no Lugar Santo de Jerusalém a explorar com suas ordens religiosas, seus sacerdotes e freiras, seus santuários, suas peregrinações idólatras, todas as formas de idolatria.

Lá está a IMAGEM DA BESTA, a HIERARQUIA ROMANA, com o seu antístite patriarca!

**.oOo.**

